

**Entre a Rua e a Rede: O papel das ferramentas de comunicação
da internet no ciberativismo – O caso das manifestações no Brasil em
junho de 2013.**

Fernanda Godinho de Souza

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação
Especialização em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias**

Março de 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, especialização em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Graça Rocha Simões.

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais, Ivan e Maria de Fátima, que me ensinaram a caminhar, para aqui chegar e agradecer.

À orientadora Dr^a Graça Rocha Simões pelos ensinamentos e por todas as contribuições. Muito obrigada por me acolher e por me guiar nessa trajetória.

À querida Michelle, companheira de todas as horas, pelo apoio, força e compreensão nos momentos mais difíceis. Obrigada por tornar essa tarefa menos solitária e mais humana.

Agradeço aos colegas e amigos que, cada um a sua maneira, contribuíram para o trabalho final.

Aos amigos de luta do *Conexão Periférica* que acompanharam o andamento dessa jornada, muitíssimo obrigada por mostrarem ao mundo que “nós somos a rede”!

Por fim, também agradeço a cidade de Lisboa, seus lisboetas e seus poetas, pela maravilhosa e eterna memória do tempo que por lá passei.

**ENTRE A RUA E A REDE: O PAPEL DAS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DA
INTERNET NO CIBERATIVISMO – O CASO DAS MANIFESTAÇÕES NO BRASIL EM JUNHO
DE 2013**

FERNANDA GODINHO DE SOUZA

RESUMO

O surgimento do ciberativismo, dentro do contexto da cibercultura, alterou a forma como a sociedade e os movimentos sociais se organizam para lutar pelas mais diversas causas, criando dinâmicas novas de atuação política. É nesse contexto que essa pesquisa busca analisar as conexões entre o mundo digital e analógico, a rede digital e a multidão nas ruas e sua relação com a democracia participativa. Trata-se de uma investigação sobre os movimentos sociais da sociedade em rede e suas práticas de articulação, mobilização e divulgação. São analisadas as experiências vivenciadas pelos ciberativistas do “Movimento Passe Livres”, “Mídia NINJA” e “Anonymous Brasil” durante as manifestações que ocorreram no Brasil em de junho de 2013.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberativismo, cibercultura, movimentos sociais, rede digital, democracia participativa, manifestações.

ABSTRACT

In the context of cyberculture, the emergence of cyber-activism has changed the way society and social movements organize themselves to fight for various causes, creating new dynamics of political action. About this context this research intended to analyze the connections between the digital and the analogical world, the digital network and the crowd on the streets and its relationship to participatory democracy. It investigates the social movements of the network society and their practices of articulation, mobilization and dissemination. (SUGESTÃO: São analisados) The experiences of the cyber-activists "Movimento Passe Livre", "Media NINJA" and "Anonymous Brazil" during the demonstrations that took place in Brazil in June 2013 are analyzed.

KEYWORDS: Cyber-activism, cyberculture, social movements, digital network, participatory democracy.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: A modernidade e a emergência da questão comunicacional	5
I.1 O novo paradigma da comunicação	10
Capítulo II: Cibercultura e comunicação digital	14
II.1 Ciberespaço e Realidade Virtual	17
II. 2 Manifesto “A Declaration of the Independence of Cyberspace”: marco histórico do ciberespaço	19
II.3 Movimentos sociais no ciberespaço	23
Capítulo III: Interações e dinâmicas do ciberativismo	25
Capítulo IV: Análise das <i>Fan Pages</i> do Facebook dos ciberativistas “Movimento Passe Livre”, “Mídia NINJA” e “Anonymous Brasil”	29
IV.1 Procedimentos metodológicos para análise das <i>Fan Pages</i> de ciberativistas	29
IV.2 Delimitação do Objeto	30
IV.3 Categorias de Análise	32
IV.4 Resultado e discussão da Análise das <i>Fan Pages</i> dos coletivos ciberativistas no Facebook	32
IV.4.1 Sobre os coletivos ciberativistas, suas <i>Fan Pages</i> e fluxos de interação	33
IV.4.2 Relação da frequência de postagens e interação entre as <i>Fan Pages</i>	37
IV.4.3 As diferentes formas de comunicação utilizadas pelos ciberativistas	40
IV.4.4 Considerações sobre a análise das <i>Fan Pages</i> de coletivos ciberativistas	62
Conclusão	63
Bibliografia	66

INTRODUÇÃO

As ferramentas da internet têm se mostrado importantes na organização de manifestações políticas ao redor do mundo. Essa onda de manifestações que tomam às ruas de dezenas de cidades pelo mundo e que são organizadas pela internet - com apenas um clique somam milhares de apoios as causas que se apresentam - começaram, bem possivelmente, na Tunísia com o movimento que ganhou o nome de “Revolução Jasmim”. Lá, culminou com a renúncia do presidente Zine El Abidine Ben Ali, há 23 anos no poder. Em seguida, atingiu o Egito com a revolução conhecida como “Primavera Árabe”, também levando à queda do chefe de Estado, Hosni Mubarak, presidente há trinta anos. No início de 2013 uma onda de protestos contra o governo do primeiro-ministro Tayyip Endorgan, tomou conta da Turquia. As manifestações tiveram início a 28 de maio e, inicialmente, reivindicavam contra o derrube de 600 árvores do Parque Taskim Gezi, em Istambul, para a construção de um centro comercial. No entanto, os protestos ganharam outro foco quando um grupo de manifestantes que ocupava o parque foi atacado pela polícia. Desde então, o tema dos protestos ampliou-se para além da demolição do parque, tornando-se manifestações antigovernamentais mais amplas. Os protestos espalharam-se rapidamente para outras cidades turcas e continuam até os dias de hoje.

Vale ressaltar que a utilização da internet na organização de manifestações políticas não atingiu apenas países com regimes ditatoriais. O uso das redes digitais em países da Europa que atravessam um momento difícil - com queixas de muitos jovens com relação à falta de perspectivas para o futuro, por exemplo - irrompeu com manifestações como a que aconteceu em março de 2011 em Portugal, a da chamada “Geração à rasca” em que aproximadamente trezentas mil pessoas tomaram as ruas de Lisboa e do Porto a protestar contra os baixos salários e a piora crescente nas condições de trabalho. Também podemos destacar os protestos na Espanha, chamados por alguns de “Movimiento 15-M”, “Indignados” e “Spanish revolution”, que foram inicialmente organizados pelas redes sociais da internet e idealizados pela plataforma civil e digital “¡Democracia Real Ya!”. A Grécia também protestou contra a crise falimentar do estado e a Bulgária contra o favoritismo do governo. E, por fim, os

protestos contra a desigualdade econômica e social, a ganância e a indevida influência das empresas – sobretudo do setor financeiro - do governo dos Estados Unidos, que culminou em um dos movimentos mais importantes dos últimos tempos, o “Occupy Wall Street”.

Agora, mais recentemente, as ondas de protestos desencadeados na rede digital tomaram conta de países da América Latina, como é o caso do Brasil e do Chile. As manifestações que começaram no dia 06 de junho de 2013 na cidade de São Paulo - que no início era apenas um movimento por melhores condições no transporte público e pelo fim do aumento de 20 centavos na tarifa de autocarro e metro - acabou transformando em uma onda de protestos nunca antes vista no Brasil. O abuso e a violência policial contra os manifestantes do “Movimento Passe Livre” foram os verdadeiros precursores de uma revolta popular que levou milhares de pessoas às ruas nas principais cidades do Brasil. Nos dias seguintes as manifestações tomaram proporções gigantescas e atingiram não apenas as principais capitais do Brasil, mas também as cidades do interior e, inclusive, manifestações internacionais em cidades como Londres, Berlim, Dublin e Lisboa. O motivo das manifestações se multiplicou, já não era apenas pela redução da tarifa do transporte público, mas pela exigência de melhores condições de saúde, transporte, educação e menos corrupção. Os protestos coincidiram com o período da Copa das Confederações, uma prévia da Copa do Mundo, o que aumentou ainda mais a revolta das pessoas contra o gasto público para este evento.

Apesar das diferenças pontuais entre as várias manifestações políticas que ocorreram no mundo desde o final de 2010, todas elas apresentam um ponto em comum: foram articuladas, mobilizadas e divulgadas via internet. As redes sociais, em especial a ferramenta do *Facebook*, parece ser o elo da comunicação digital atual – de um lado é onde você encontra outras pessoas e, do outro, é onde você parte para outras fontes de informação – apesar disso, verifica-se também a importância de outras formas de comunicação na internet, com funções específicas, que contribuem para as manifestações de diversas formas. Nas manifestações no Brasil, por exemplo, outras ferramentas de comunicação na internet como os *Blogs*, *Twitter* e o *Tumblr*, foram bastante utilizadas. Além disso, mensagens lúdicas como os *memes* da internet

tornaram-se grandes virais e, também, o destaque da cobertura alternativa - ao vivo e *online* e feita por ativistas que estavam nas manifestações, que potencializaram a tecnologia do *streaming* (transmissão de vídeo pela internet) – que trouxe uma cobertura mais clara do que realmente acontecia nas ruas, em contraponto com o que a mídia convencional transmitia nos veículos de comunicação tradicionais. Assim, foram utilizados vídeos, *posts* associados a *hashtags*, *tweets* e *memes online*, para criar ondas de intensa participação em experiência de tempo e espaço, a intensidade da comoção e engajamento construídos num complexo sistema de espelhamento, potencialização entre ruas e redes. No entanto, esses conteúdos produzidos em diversas ferramentas de comunicação da internet ganharam visibilidade, se espalharam e tornaram virais graças ao poder do *Facebook*.

Atualmente, nos movimentamos em ambientes híbridos, reais/virtuais, em que o *download* do ciberespaço projetado em *Neuromancer* – romance de William Gibson - é experimentado no cotidiano e o que chamamos de ciberespaço não pode mais ser concebido como um espaço isolado. Não “entramos” mais na internet, ela é que nos atravessa de diferentes formas em conexões a céu aberto que lutamos para democratizar e acessar. “Nós somos a rede social!”, como disseram os manifestantes brasileiros com seus cartazes nas ruas.

É nesse cenário que proponho analisar o ativismo digital durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil e de que forma acontece essa interação da rua com a rede. Assim, esta pesquisa busca analisar as conexões entre o mundo digital e analógico, a rede digital e a multidão nas ruas e sua relação com a democracia participativa. Trata-se de uma investigação sobre os movimentos sociais da sociedade em rede e suas práticas de articulação, mobilização e divulgação.

Para compreender essas questões, este trabalho divide-se em quatro partes. Nos três primeiros capítulos - nomeadamente a parte teórica - procuro compreender de que forma a comunicação se modifica na contemporaneidade e de que forma as novas mídias e as redes sociais têm mudado a lógica comunicacional e as simbologias trocadas por meio delas. Nesse sentido, no primeiro capítulo coloco em discussão a emergência da questão comunicacional e o novo paradigma da comunicação que ganha força com o surgimento da web 2.0, possibilitando uma interação multifacetada

entre os agentes. No segundo capítulo, trago à tona teorias relativas à comunicação digital e uma discussão sobre o ciberespaço, sua autonomia e o surgimento de movimentos ativistas dentro desse espaço, tomando como base principal o manifesto de John Perry Barlow. Encerrando a parte teórica dessa pesquisa, no terceiro capítulo discorro sobre as dinâmicas de interação de uma nova forma de ativismo feito em rede e na rede, que se articula como maximização das possibilidades de autonomia: o ciberativismo.

O quarto e último capítulo desse trabalho é dedicado à parte empírica da dissertação. Realizo uma análise de 3 (três) perfis no *Facebook* de coletivos ciberativistas do Brasil que atuaram durante as manifestações que ocorreram entre junho e agosto de 2013, são eles: “Mídia Ninja (NINJA)”, “Movimento Passe Livre SP (MPL)” e “Anonymous Brasil”. A escolha pela ferramenta *Facebook* se deu por entender que essa rede social da internet parece ser o principal elo da comunicação digital atual - de um lado é onde você encontra outras pessoas e, do outro, é onde você parte para outras fontes de informação.

Entender as novas formas de ativismo em rede - não apenas no âmbito da comunicação, mas também das políticas públicas - pode contribuir significativamente para a sociedade no sentido de proteger e consolidar os Direitos Humanos no mundo, uma vez que a melhoria qualitativa das políticas públicas está fortemente atrelada à promoção, proteção e garantia do direito à informação. Além disso, levando em consideração a relevância da temática, entende-se que, no âmbito da pesquisa social, ela ainda é pouco explorada. A bibliografia ainda é reduzida e os estudos desenvolvidos nesse campo ainda são recentes. Portanto, é fundamental ampliar as fontes de pesquisa sobre o tema. Nesse sentido, a pesquisa proposta pretende contribuir para estudos no campo da mobilização no espaço virtual a partir da análise dos limites e possibilidades do uso do ciberespaço por sujeitos ou grupos ciberativistas.

I. A modernidade e a emergência da questão comunicacional

Berman (1986), no seu livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade”, afirma que modernidade é o dilema entre gênese e destruição, possibilidades e riscos, que marcam o espírito de uma nova época chamada era moderna.

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao quantas experiências modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (...) Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promove aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angustia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx: “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. (BERMAN, 1986:13)

Conforme aponta Berman, o turbilhão da vida moderna é marcado por situações extremamente contraditórias: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança de nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitar ancestral,

empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano.

No seu livro Berman divide a modernidade em três fases. Segundo o autor, a primeira fase - compreendida entre o início do século XVI até o fim do século XVIII - é uma época em que as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem ideia do que as atingiu. Mantêm tradições e rotinas de uma sociedade tradicional, mas começam a vivenciar algumas experiências da era moderna. Na segunda fase da modernidade, conforme aponta Berman, começa a grande onda revolucionária de 1790, com a Revolução Francesa. O público passa a partilhar o sentimento de viver em uma era revolucionária. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização.

Para Berman, o século XX, com suas intensas transformações sociais, políticas e culturais apontam para a terceira fase da modernidade. O processo de modernização se expande ao ponto de abarcar virtualmente o mundo todo. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos que falam línguas incomensuravelmente confidenciais. Daí surgem os grandes dilemas da modernidade: as imensas possibilidades, as ameaças, o progresso, os avanços e riscos da tecnologia. A presença do estranho, das multidões desconhecidas, o isolamento social. Por outro lado, a instauração de novos estilos de vida, novas relações sociais e a mudança constante de valores.

No final do século XX novas discussões emergem sobre a sociedade. Alguns autores afirmam que estamos vivendo a era pós-industrial e outros, como Michel Maffesoli (1984), vai denominar o novo tempo como a era pós-moderna. Com a introdução de novas tecnologias e a realidade virtual, o cotidiano do ser humano tem sido alterado de uma forma muito mais acelerada do que em épocas anteriores. Com isso, novas questões se colocam principalmente se estaria havendo uma perda ainda maior da autonomia do sujeito e a diluição dos laços sociais e tradições.

No livro “O tempo retorna”, Maffesoli (2012) afirma que se na modernidade o indivíduo encerrava-se na “fortaleza de seu espírito”, na pós-modernidade há uma

“epidemia emocional”. O autor acredita que as redes sociais na internet, são testemunhas de tal mudança, afirmando: “seja nos sites comunitários, nas listas de divulgação, nos *blogs* de discussão e no *Twitter*, pode-se dizer que “gorjeia” uma língua de pássaros em que a razão não está ausente, é claro, mas que a emoção desenha um papel primordial”. (MAFFESOLI, 2012: 39-41). Em suma, é nas redes sociais, nos sites comunitários, nos *chats*, e conversações na internet que tendemos a partilhar emoções comuns. Na internet, vibramos juntos porque só “existimos pelo e sob o olhar do outro”.

Para Maffesoli (2012), a pós-modernidade é uma união ou relação entre o arcaico e o tecnológico. A partir da tecnologia estamos em um tempo de reencantamento do mundo, através das ciberculturas; como esclarece-nos o filósofo, temos a religação ao sentimento tribal. O mesmo evidencia-nos que: “O tempo fará a triagem. Este é o relativismo induzido pela internet. Os avatares múltiplos, as tribos se reagrupando em torno de seus totens, a fragmentação dos saberes gera o mesmo número de manifestações” (MAFFESOLI, 2012:102). Verificamos, desta forma, que, a partir do tribalismo arcaico e do reencantamento do mundo por meio dos aspectos tecnológicos, emerge a sociedade pós-moderna.

As transformações no mundo contemporâneo também são objeto de análise do sociólogo Anthony Giddens (1996). O autor aponta duas esferas de transformação no mundo, que estão diretamente relacionadas. Por um lado, há a difusão extensiva das instituições modernas, universalizadas por meio dos processos de globalização. Por outro lado, estão os processos de mudança intencional (abandono, desincorporação e problematização da tradição), que segundo o autor podem ser conectados à radicalização da modernidade. Conforme Giddens, poucas pessoas, em qualquer lugar do mundo, podem continuar sem consciência do fato que suas atividades locais são influenciadas e, às vezes, até determinadas, por acontecimentos ou organismos distantes. Este processo está relacionado ao crescente papel que os meios de comunicação assumem na contemporaneidade, redefinindo as fronteiras entre a tradição e o moderno.

De acordo com Adriano Duarte Rodrigues (1990), o campo da comunicação autonomiza-se a partir da emergência da modernidade e passa a ocupar o espaço de

centralidade na vida social. A instância comunicativa mediática avoca a tarefa de servir de mediação dos campos sociais, onde estes buscam visibilidade e transparência. Por isso, a política hoje para se realizar tem que recorrer à esfera mediática.

Conforme salienta Rodrigues, a autonomização do campo mediático implica em uma nova configuração do espaço público. Nesse sentido, campo mediático não pode ser concebido somente como conjunto dos media, dos meios técnicos (rádio, TV, jornal, impresso, etc). Por se tornar autônomo, ganha uma dimensão mais ampla. Isso porque a natureza da esfera mediática é delegada.

Entendemos por campo dos media o campo cuja legitimidade expressiva e pragmática é por natureza uma legitimidade delegada dos restantes campos sociais e que, por conseguinte, está estruturado e funciona segundo os princípios da estratégia de composição dos objetivos e dos interesses dos diferentes campos, quer essa composição prossiga modalidades de cooperação, visando, nomeadamente, o reforço da força da sua legitimidade, quer prossiga modalidades conflituais, de exacerbação de divergência e dos antagonismos. (RODRIGUES, 1990:152)

Adriano Duarte Rodrigues, no livro “Comunicação e cultura. A experiência cultural na era da informação”, destaca que na contemporaneidade a comunicação passa a ser a nova ideologia. Segundo o autor, a comunicação serve, nos dias atuais, para legitimar discursos, comportamentos e ações, tal como a religião nas sociedades tradicionais e o progresso na sociedade industrial: é o mais recente instrumento mobilizador, disponível para provocar efeito de consenso virtualmente aceite nos mais diferentes domínios da experiência moderna. Segundo Rodrigues, a comunicação passa a tornar-se o campo de mediação da vida social. As outras esferas (política, economia, religião) passam a recorrer à comunicação para legitimar seus discursos. Comunicar tem se tornado um imperativo ético e uma urgência política.

Como enfatiza o autor, o século XX foi marcado pelo desenvolvimento de dispositivos de informação que põe os cinco continentes em contato permanente, repercutindo instantaneamente, através do planeta, não só os acontecimentos, mas sobretudo ideias, modelos, estilos e modos de vida. Dois fenômenos simultâneos e complementares – globalização da economia e mundialização da cultura – marcam

estas mudanças. Além disso, o desenvolvimento dos dispositivos da informação e o surgimento da nova ideologia comunicacional são duas faces da mesma moeda.

Entretanto, Rodrigues afirma que, apesar de apontar para grandes inovações tecnológicas, a ideologia comunicacional continua a ser inseparável de uma vontade de refundação, de recomeço e de invenção de uma nova era, apresentando-se por vezes ainda que de maneira confusa como um retorno aos mitos arcaicos fundadores da sociabilidade. Um exemplo é ocorrência de tribos urbanas, em que o desejo de estar junto, de compartilhar, de comunhão, se faz presente de forma intensa.

Como observa Rodrigues, este sentimento de perda do domínio sobre a realidade e de impotência do homem perante o desenrolar dos acontecimentos é um efeito do alargamento da informação em dimensão planetária. Alargamento que já nos anos 50 levava McLuhan a profetizar a constituição de uma espécie de “aldeia global” - conceito desenvolvido no capítulo seguinte. Fica a impressão, segundo o autor, de que estamos assistindo à experiência cultural concreta.

O autor também afirma que as fronteiras geográficas, culturais, sociais e políticas que até hoje definiam os espaços de influência da ordem informativa parecem ruir com a permeabilidade da informação. Os satélites de comunicação fazem mais pela queda das muralhas ideológicas do que os mísseis arsenais nucleares. A permeabilidade das fronteiras dos Estados às redes de informação tende a tornar obsoleta a ostentação e o uso da força militar. Sem precisar sair do nosso quarto ou da nossa sala de estar, os sistemas de informação põe o mundo inteiro ao nosso alcance.

No entanto, Rodrigues não acredita numa perda de importância da experiência cultural concreta, não assume uma visão pessimista. Segundo o autor, não é pelo fato de a informação ter se tornado transnacional, que passamos necessariamente todos a partilhar uma mesma visão do mundo e a possuir uma mesma representação da realidade. Ele acredita que cada uma das culturas continua a definir um horizonte que delimita o espaço do entendimento e da compreensão dos acontecimentos e das mensagens. É por isso que devemos distinguir cuidadosamente a esfera da informação mediatizada e o domínio cultural da informação. Além disso, sabe-se hoje que o global e o local se interligam, mas mantêm sua importância.

Dessa forma, esfera informativa e dimensão comunicativa se entrelaçam. A esfera da informação pertence à ordem de transmissão. Já a comunicação é uma

relação fundamentalmente intersubjetiva: enraíza-se na experiência particular e singular dos interlocutores, fazendo apelo tanto à experiência individual como à experiência coletiva que entendem por em comum. A esfera da informação também está relacionada com a constituição de um campo específico – o campo mediático, que possui regras próprias de funcionamento.

Tendo em vista estas diferenças, o autor conclui que hoje mais do que nunca temos de distinguir estas duas dimensões da experiência se quisermos compreender a relação aparentemente antagônica entre mundialização da informação mediática e a singularidade particularizante dos processos comunicacionais. Quanto mais se universalizam os fluxos informativos, mais os particularismos culturais se manifestam, com a generalização do confronto e do conflito de interpretações.

I.1 O novo paradigma da comunicação

Analisando as teorias da comunicação, pode-se afirmar que inexistiu um paradigma comunicativo único. Conforme explica Oliveira (2001), a partir dos anos 70, tem-se uma reconfiguração nas ciências sociais e desponta um novo paradigma, um novo modelo teórico, ou seja, uma nova forma de conceber o processo comunicativo, que procura romper com a visão unilateral que marcou a primeira fase da comunicação, dos anos 30 aos anos 70.

Sob a ótica da transmissão, o processo comunicativo era visto como algo controlado por um poder centralizador, vertical. Na concepção da Escola de Frankfurt, o sistema dominante da indústria cultural e a mídia detinham o controle e manipulavam os indivíduos.

Conforme afirma Matterlart (apud Oliveira, 2001), a partir dos anos 70, as concepções sobre os meios de comunicação de massa da Escola de Frankfurt começaram a ser questionadas e alguns pensadores da Teoria Crítica, como Jürgen Habermas, fizeram revisões de suas primeiras reformulações¹. As catástrofes

¹ A Teoria Crítica foi formulada por um grupo de pesquisadores que fundaram o Instituto de Pesquisas Sociais ou Escola de Frankfurt na Alemanha, na década de 20. Partindo de uma análise marxista e freudiana da realidade, os autores ficaram conhecidos pelo viés apocalíptico de suas teorias sobre a

anunciadas em relação aos *mass media* também não se concretizaram. O indivíduo não deixou de existir, pelo contrário, os meios de comunicação criaram novas formas de interação social. Algumas ideias são revistas a partir dessa mudança de paradigma. Em primeiro lugar, o processo comunicativo deixa de ser compreendido como mera transmissão de informação e passa a prevalecer a ótica da interseção, ou seja, a comunicação só se realiza numa ambiência e pressupõe a presença de interlocutores ativos. Mesmo na comunicação mediática há formas de interação entre os interlocutores e o mais importante: “o receptor é um ser ativo que interpreta e constrói o sentido das mensagens da mídia”. (MATTERLART apud OLIVEIRA, 2001: 46-47)

Segundo Mattelart (apud Oliveira, 2001), o campo da comunicação passou a repensar o processo comunicativo e o paradigma da transmissão, da linearidade, perdeu espaço. Com o novo paradigma da Comunicação, a vida social ganha importância. O ato comunicativo só se concretiza nas relações sociais, na co-presença dos interlocutores. É um processo permanente de construção de sentido, que sempre se dá num contexto. Dessa forma, a comunicação é vista em sua globalidade. Há uma relação entre interlocutores, mensagem e contexto. As mensagens são construídas no processo de interação social.

Com a noção de interseção, passa a ser questionada a ideia de um poder centralizador. Para compreender a reviravolta nos paradigmas da Comunicação, e mais especificamente a discussão sobre noção de poder, é fundamental trabalhar com o conceito de hegemonia do marxista Antônio Gramsci (apud Oliveira, 2001). Na sua definição, hegemonia ocorre quando determinado grupo social se articula para deter o controle intelectual e moral sobre os demais grupos da sociedade.

Para Gramsci (apud Oliveira, 2001), o poder não é algo permanente. Outros grupos podem vir a obter o controle hegemônico. Dessa forma, Gramsci rompe com a ideia de um poder vertical. Na sociedade há espaço para as microrresistências. Nesse

sociedade moderna e a dominação exercida pela indústria cultural, termo elaborado pelos autores para se contrapor à ideia de cultura de massa. Habermas, que participou da Escola de Frankfurt, chegou a escrever alguns trabalhos ainda numa concepção bem pessimista, como o livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, publicado em 1962. Mas a partir dos anos 80, Habermas mudou sua visão sobre a sociedade com a elaboração da teoria da ação comunicativa, em que ele abandona o pessimismo exagerado da Escola de Frankfurt.

sentido, a comunicação pode ser compreendida dentro de redes complexas. Com o advento das novas tecnologias, o poder é cada vez mais descentralizado.

Um ponto fundamental a ser destacado na mudança de paradigma é o tratamento que passa a ser dado ao sujeito. Até a década de 70, valorizou-se muito o processo da transmissão, ora centrando a preocupação no sistema dominante (Escola de Frankfurt), ora na estrutura (Estruturalismo). Em ambas as escolas, os interlocutores foram desconsiderados. Para a Teoria Crítica, o sujeito se transformou em mero objeto e predomina a pseudo-individualidade. Para o Estruturalismo, o que vale é o código e não as fontes emissoras e receptoras.

Como o novo paradigma, que compreende a comunicação sob a ótica da interatividade, o sujeito é reabilitado. A comunicação só se concretiza nas relações sociais, no ato da interlocução. Dessa forma, não é uma mera transmissão de informação com codificadores e decodificadores, mas ao contrário, é um processo contínuo de construção da realidade, de interação e de interatividade.

A comunicação digital também altera o paradigma das teorias de comunicação que consideram que o emissor é o “dono” de uma informação enviada a um receptor passivo, sem poder de modificação e/ou interação com a mensagem (WOLF,1999). Isso porque na comunicação digital esse receptor passa a ser ativo, sendo então chamado de usuário e ganhando poder de pressão e resposta, nunca antes visto. O *feedback* conhecido nos paradigmas anteriores passa a ser uma interação constante entre esses usuários e a rede. Esta qualidade possibilitada pela internet altera a maneira com a qual os indivíduos se relacionam entre si, se relacionam com as redes e com o mundo.

O advento das redes digitais, sobretudo na Web 2.0, é tida por estudiosos da comunicação como uma revolução responsável pela transformação da própria natureza da arquitetura e do processo de repasse das informações. A internet não apenas alterou a maneira com que armazenamos, organizamos e distribuímos a informação, mas também as formas de interação entre os cidadãos.

O pensamento de vários autores subsidiou um novo ponto de vista, ainda em construção, para a nossa época que agora passa a pensar a tecnologia como um elemento essencial para os processos de transformação social, assumindo um papel

não somente instrumental, mas ativo e transformador dos processos culturais e sociais.

A comunicação digital e, com ela, a cibercultura estão atreladas à emergência das redes digitais que possibilitam um fluxo comunicacional mais próximo da conversação todos-todos do que da informação um-todos. A comunicação digital assume que todos são usuários e interagem entre si e com a rede, de forma possivelmente igualitária. Essa possibilidade de interação multifacetada entre os agentes, trazida pela comunicação digital, trata-se do tema que será desenvolvido já no próximo capítulo.

II. Cibercultura e comunicação digital

Marshal McLuhan foi o primeiro a estudar as mídias e a dirigir estudos de caráter cultural e social sobre os meios de comunicação. É dele a célebre frase que diz que “as sociedade sempre foram influenciadas mais pela natureza dos *media*, através dos quais os homens se comunicam, do que pelo conteúdo da comunicação” (MCLUHAN, 1964)

Para McLuhan (1962), a evolução midiática foi determinante nas transformações culturais e sociais do mundo. O autor considera duas grandes rupturas no ambiente social provocadas pela tecnologia: a Revolução Tipográfica decorrente da invenção da imprensa, por Gutemberg, em meados do século XV; e a revolução eletrônica nos séculos XIX e XX, iniciada pela invenção do telégrafo e, continuada pela revolução das mídias de massa, com a TV, o cinema e o rádio. Isso porque a Revolução Tipográfica desenvolveu um novo tipo de sociedade e de cognição onde o raciocínio e a visão passaram a ser linear e individual. Já na Revolução Eletrônica e dos Meios de Comunicação de Massa, a tradução oral foi reconstituída. Isso porque os meios eletrônicos, principalmente os audiovisuais, dirigem-se de forma direta, apelando para sensibilidade e envolvendo em sua mensagem, provocando um retorno da expressividade da comunicação oral. É nesse pensamento que McLuhan introduz o conceito de Aldeia Global.

Segundo McLuhan, a Aldeia Global começou nos anos 20, com o rádio. Os meios eletrônicos nos colocavam de novo em contato com as emoções tribais, das quais a imprensa nos tinha distanciado. Pessoas de qualquer parte do mundo podiam se comunicar, como se vivessem em uma aldeia, ou seja, o processo tecnológico reduziu o mundo à condição de aldeia. “A nova interdependência eletrônica cria o mundo à imagem de uma aldeia global”, afirmava. McLuhan falava do computador e das telecomunicações, no período de guerra, em uma época em que a rede era apenas a interligação de computadores militares norte-americanos. Sem saber, ele vislumbrava a mesma situação para meios como o celular e a internet.

A Aldeia Global seria um mundo interligado, conectado, fruto de tecnologias que diminuíram as distâncias entre os indivíduos, como a Tecnologia da Informação e

da Comunicação, e atualmente, a própria internet. O estreitamento dos laços provocados pela quebra do distanciamento promove uma aproximação entre as lutas e os ideais. A informação transmitida por meios eletrônicos permite diminuir as distâncias geográficas. Os meios eletrônicos, segundo McLuhan, permitem ampliar as possibilidades de organização social, fazendo com que um acontecimento em uma parte isolada do mundo ganhe projeção e reflexos em outra parte geograficamente distante.

Para Manuel Castells (2003), o final do século XX e o início de XXI são marcados pela Era da Informação, período em que todos buscam, justamente, informação, trabalham com ela e para ela. Este novo milênio ficou caracterizado com a presença das tecnologias da informação como extensões e amplificadores da mente humana. Ao fazer uma analogia com os estudos de McLuhan que dizia que “o meio é a mensagem”, Castells afirma que agora “a rede é a mensagem”. E, assim, migramos do mundo de comunicação da “Galáxia de Gutenberg”, com a difusão da máquina impressora, para a “Galáxia da Internet”, com uma sociedade toda interconectada na rede. (CASTELLS, 2003: p. 08)

Manuel Castells (1999) no seu livro “Sociedade em Rede”, analisa o cenário tecnológico atual e ressalta que a internet é colocada como consequência da fusão singular entre a estratégia militar, a grande cooperação científica e iniciativa tecnológica e inovação contracultural (espírito libertário/anarquista).

Castells afirma que somos contemporâneos de uma transformação tão radical quanto a invenção do alfabeto. A invenção do alfabeto tornou possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e escrito, separando o que é falado de quem fala; no ocidente, proporcionou a infra-estrutura mental para a comunicação cumulativa, baseada em conhecimento. Isso forjou uma cultura que acabou renegando o elemento audiovisual, que por sua vez teve sua revanche no século XX com o advento do cinema, rádio e TV. Atualmente, vivemos a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa, o que muda de forma fundamental a cultura. Para Castells, a nova cultura decorrente dessa comunicação é a cultura de virtualidade real.

A capacidade do novo sistema em rede de incluir a abrangência de todas as expressões culturais diferencia a fase atual das anteriores. Mensagens que não são inseridas na rede são marginalizadas. Não foi apenas todo o sistema que mudou, mas suas interações sociais e organizacionais.

Pela primeira vez, a unidade básica de organização econômica não é um sujeito individual, como um empresário, nem coletivo, mas a rede, formada de vários sujeitos e organizações e modificando-se sempre, conforme se adaptam aos ambientes de apoio e às estruturas de mercado (CASTELLS, 1999:68).

Para Castells, as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão de sua lógica modifica de forma substancial os processos produtivos, de experiência, poder e cultura. A presença na rede ou ausência são fontes cruciais de dominação e transformação em nossa sociedade. As expressões culturais são retiradas da história e da geografia e tornam-se predominantemente mediadas pelas redes de comunicação eletrônica. Como a informação e a comunicação circulam basicamente pelo sistema de mídia diversificado, porém abrangente, a prática da política também é crescente no espaço da mídia. Tudo isso provoca profundas transformações nas culturas, bem como nas organização, objetivos do processo, atores e instituições políticas.

Difelice (2008) fala sobre a comunicação digital e as novas formas de participação social possibilitadas por ela. Para o autor, em meio às mudanças trazidas pelas redes digitais – interatividade, pluralidade de vozes, não-linearidade, fácil acesso à informação, velocidade, dinamicidade, informação distribuída e não centralizada – as práticas da comunicação contemporânea criaram uma nova arquitetura comunicativa, trazida pelo computador. Essa nova forma permite que o indivíduo interaja com seu espaço através das informações ao seu redor, transformando o habitar e a relação do sujeito com o território uma prática comunicativa.

De acordo com Lemos (2004), a cibercultura é o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no

lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social. Para Lemos, o surgimento da cibercultura implica novos sentidos da tecnologia com a emergência do paradigma informacional. Este instaura a passagem do modo industrial (material e energético) para o informacional (eletrônico-digital).

II.1 Ciberespaço e Realidade Virtual

A palavra “*cyberspace*” foi inventada e empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancer*. No romance de Gibson, ciberespaço é designado como o universo das redes digitais, como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Segundo Gibson, “o ciberespaço é uma alucinação consensual experienciada diariamente por bilhões de operadores legítimos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de cada computador no sistema humanos” (Hillis 1999 apud Santaella 2009, p.99). Gibson definiu ciberespaço como um espaço não-físico, ou territorial, que se compunha de um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações circulavam.

A partir dessa novela, a onda de interesse no ciberespaço foi intensificada pelos promotores que o descreviam como uma nova fronteira, aberta à exploração, assim como à colonização. Por essa época, a margem do *boom* comercial, o conceito passou a ganhar seriedade acadêmica. De acordo com Lucia Santaella:

Hoje, “ciberespaço” sedimentou-se como um nome genérico para se referir a um conjunto de tecnologias diferentes, algumas familiares, outras só recentemente disponíveis, algumas sendo desenvolvidas e outras ainda ficcionais. Todas têm em comum a habilidade para simular ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir. Alguns usam a expressão “comunicação mediada por computador” para designar o mesmo conjunto de fenômenos. Outros tomam ciberespaço como sinônimo de realidade virtual (RV)... Cada vez mais, entretanto, ciberespaço tem sido usado de maneira ampla, inclusive para designar ambientes urbanos simulados,

os lugares de encontro dos cibernautas e de desenvolvimento das novas formas de socialização, as comunidades virtuais, que brotam em seus ambientes, enquanto a RV se refere a uma entre outras possibilidades de realização do ciberespaço. (SANTAELLA, 2009:99 -100)

É importante ressaltar aqui o que alguns autores entendem de Realidade Virtual, uma vez que como anunciou Santaella (2009), alguns especialistas tomam ciberespaço como sinônimo de RV. Para a autora, a idéia de imersão, usando estereoscopia, medição da direção dos olhos e outras tecnologias para criar a ilusão de estar dentro de uma cena gerada pelo computador é uma das fundações da RV. Além disso, Santaella nos esclarece que existem hoje dois sentidos para RV. Um sentido estrito que envolve o uso de computadores poderosos para criar ambientes tridimensionais, nos quais o usuário pode imergir em tempo real para interagir com um mundo gerado matematicamente e, um sentido mais amplo, em que o termo “virtual” passou a significar qualquer coisa que acontece no computador.

Hayles (1996), diz que as novas tecnologias de RV ilustram o tipo de fenômeno que traz à tona o par, padrão e aleatoriedade, e faz com que presença e ausência se tornem irrelevantes. O resultado dessa imersão é uma interação multisensorial que cria a ilusão de que o usuário está dentro do computador. De acordo com Hayles:

Movimentar-se na Realidade Virtual, continua Hayles, liga as posições do sujeito e objeto em uma dinâmica reflexiva que torna sua identificação problemática. O sujeito putativo é a consciência encarnada em uma forma física, enquanto o objeto é o boneco atrás da tela. Uma vez que o fluxo de informação sensorial caminha em ambas as direções, entretanto, o boneco pode ser visto também como ponto originário das sensações. Para ela, essa ambigüidade é uma das características mais perturbadoras e cativantes da RV. Esta representa um desafio poderoso para as costumeiras construções das fronteiras do corpo, abrindo-as para configurações transformadoras que sempre carregam o traço do Outro. A desorientação resultante desestabiliza pressupostos sobre o eu e o Outro. (SANTAELLA, 2009:307)

II.2 Manifesto “A Declaration of the Independence of Cyberspace”: marco histórico do ciberespaço

Em fevereiro de 1996, John Perry Barlow, presidente da *Electronic Frontier Foundation*², escreveu o manifesto “*A Declaration of the Independence of Cyberspace*” como protesto contra uma tentativa do governo americano de estabelecer censura na Internet. Na época, no congresso estadunidense, conservadores tentavam impor controle ao estilo de TV sobre os conteúdos de sítios da internet. Com seu manifesto, Barlow foi um dos primeiros a exaltar o potencial libertário da internet e ajudou a popularizar o termo “cyberspace”. Por conta desse manifesto, no qual afirma que os governos não têm e não devem ter soberania sobre a internet, chegou a ser chamado de “Thomas Jefferson do mundo virtual”. Assim, a internet seria um espaço livre, uma espécie de território quase anárquico, onde caberia ao internauta respeitar somente os limites impostos pelo seu equipamento ou pela própria estrutura da computação. De acordo com Barlow (1996):

Governments of the Industrial World, you weary giants of flesh and steel, I come from Cyberspace, the new home of Mind. On behalf of the future, I ask you of the past to leave us alone. You are not welcome among us. You have no sovereignty where we gather. (BARLOW, 1996)

Barlow (1996) entende o ciberespaço como o novo lar da mente onde Governos do Mundo Industrial não são bem vindos.

We have no elected government, nor are we likely to have one, so I address you with no greater authority than that with which liberty itself always speaks. I declare the global social space we are building to be naturally independent of the tyrannies you

² É uma organização sem fins lucrativos sediada em San Francisco, Califórnia, cujo objetivo declarado é proteger os direitos de liberdade de expressão, tais como definidos pela Primeira emenda da constituição dos Estados Unidos da América, no contexto da era digital. Para tanto, propõe-se a atuar na defesa de liberdades civis bem como instruir a imprensa, os legisladores e o público sobre esses direitos e suas relações com as novas tecnologias.

seek to impose on us. You have no moral right to rule us nor do you possess any methods of enforcement we have true reason to fear. (BARLOW, 1996)

Lembra que no ciberespaço não se tem governos eleitos e muito menos se pretende ter um dia. Nesse espaço que independe das tiranias dos governos, a liberdade é a autoridade maior.

Governments derive their just powers from the consent of the governed. You have neither solicited nor received ours. We did not invite you. You do not know us, nor do you know our world. Cyberspace does not lie within your borders. Do not think that you can build it, as though it were a public construction project. You cannot. It is an act of nature and it grows itself through our collective actions. (BARLOW, 1996)

Observa que o poder dos governos é exercido quando demandados pelos próprios governados e que, no ciberespaço, ninguém os convidou e nem desejam a sua presença. Diz também que o poder dos governos não pode construir nem moldar o ciberespaço como um projeto qualquer, já que sua construção é coletiva e feita pelas pessoas que dele fazem parte.

You claim there are problems among us that you need to solve. You use this claim as an excuse to invade our precincts. Many of these problems don't exist. Where there are real conflicts, where there are wrongs, we will identify them and address them by our means. We are forming our own Social Contract . This governance will arise according to the conditions of our world, not yours. Our world is different. (BARLOW, 1996)

Para Barlow (1996) os governos apontam problemas no ciberespaço e querem usar esse argumento como desculpa para desrespeitar um espaço que não lhes pertence. Reforça que, se houver problemas, os mesmos serão resolvidos não da maneira deles (governos), mas da sua própria maneira (cidadãos), pois o seu mundo é

diferente e sua lógica não serve neste outro mundo. Destaca também que o Contrato Social desse território será construído por quem faz parte dele, coletivamente.

We are creating a world that all may enter without privilege or prejudice accorded by race, economic power, military force, or station of birth.

We are creating a world where anyone, anywhere may express his or her beliefs, no matter how singular, without fear of being coerced into silence or conformity. (BARLOW, 1996)

O ciberespaço é, assim, um mundo em que todos podem entrar sem prejuízo concedido pela raça, poder econômico, força militar, ou local de nascimento. E este espaço foi criado para que qualquer pessoa possa expressar as suas crenças, não importa o quão singular elas sejam, sem temer que seja coagido ao silêncio ou conformidade.

Your legal concepts of property, expression, identity, movement, and context do not apply to us. They are all based on matter, and there is no matter here. (BARLOW, 1996)

Neste trecho Barlow afirmava que os conceitos legais de propriedade, de expressão, identidade, movimento e contexto do seu mundo não se aplicam no ciberespaço, pois eles são todos baseados na matéria e no ciberespaço não há matéria.

Our identities have no bodies, so, unlike you, we cannot obtain order by physical coercion. We believe that from ethics, enlightened self-interest, and the commonweal, our governance will emerge. Our identities may be distributed across many of your jurisdictions. The only law that all our constituent cultures would generally recognize is the Golden Rule. We hope we will be able to build our particular solutions on that basis. But we cannot accept the solutions you are attempting to impose. (BARLOW, 1996)

Aqui, é importante ressaltar que Barlow já dizia que no ciberespaço as identidades não possuíam corpos e, portanto, não seria possível obter ordem por meio da coerção física. Nesse espaço a maneira de governar surgiria a partir de uma ética ditada pelo interesse próprio de uma comunidade. As identidades poderiam ser distribuídas através de muitas de suas jurisdições.

In our world, whatever the human mind may create can be reproduced and distributed infinitely at no cost. The global conveyance of thought no longer requires your factories to accomplish. (BARLOW, 1996)

Afirmava que, neste novo mundo, qualquer mente humana pode criar, reproduzir e distribuir infinitamente, sem nenhum custo. O meio de transporte global do pensamento não exige mais fábricas para se consumir.

We will create a civilization of the Mind in Cyberspace. May it be more humane and fair than the world your governments have made before. (BARLOW, 1996)

Para finalizar, o autor dizia que o ciberespaço iria criar uma civilização da mente e que este seria um mundo mais humano e mais justo do que o mundo que seus governos tinham feito.

Fica claro que Barlow (1996) trata o ciberespaço como um território à parte. Um lugar virgem, despovoado tal qual foi a América quando descoberta por Colombo. Em sua opinião, o ciberespaço estava pronto para ser povoado por uma civilização unida, livre e bem diferente da civilização de carne e osso que conhecemos.

Anos após a publicação do manifesto de Barlow (1996) “*A Declaration of the Independence of Cyberspace*”, esse espaço narrado por Barlow - um novo lugar sem lei, sem controle e sem interesses comerciais - parece ilusório e com um espírito utópico esperançoso. Fatos ocorridos recentemente, como condenações contra cidadãos, por exemplo, provam que a liberdade na Internet não é tão plena como alguns costumam

alegar. Em países como a China, por exemplo, o governo encoraja o uso da internet para negócios, mas tenta bloquear o acesso a conteúdos que considera subversivo. O chinês é obrigado a navegar na rede oficial de seu país, onde todo material exposto é previamente averiguado pelas autoridades de lá. Além disso, governos de vários países do mundo têm adotado métodos de bloqueio em relação à rede.

II.3 Movimentos sociais no Ciberespaço

Apesar de parecer complicado manter com relação à internet os mesmos princípios de liberdade de expressão que a guiou quando da sua criação, ela ainda parece ser o principal instrumento de democratização do conhecimento e da liberdade. A internet ainda é vista como uma nova mídia democrática e descentralizada de rápida difusão multidimensional de idéias, ideologias e manifestos. Nesse sentido, pode ser pensado com um novo espaço público, um “ciberespaço público”. Movimentos sociais, ativistas, movimentos políticos, todos os seguimentos da sociedade que buscam uma voz em meio a essa própria sociedade, encontram no ciberespaço uma democracia comunicacional e é nesse cenário que surge o ativismo online, ou ciberativismo.

Conforme afirma Castells (2003), “os movimentos sociais do século XXI, ações coletivas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet” (Castells 2003: 114). Para o autor, o ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global.

Ao longo da década de 1990, importantes movimentos sociais passaram a se organizar com a ajuda da internet. Ainda de acordo com Castells (2003), a vulnerabilidade tecnológica da internet permite expressões de protesto individuais ou coletivas, a interferência em *websites* das redes eletrônicas de agências do governo ou de empresas, visados como representativos de expressão ou exploração. Para Castell, a internet é mais que um mero instrumento a ser usado porque está lá:

Ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da internet como sua mídia privilegiada. (CASTELLS, 2003:115)

Castells (2003) observa que a constituição do movimento operário na Era Industrial não pode ser isolada da fábrica industrial como seu cenário organizacional. Assim como atualmente a internet é a infraestrutura material de uma determinada forma organizacional: a rede. Nesse sentido, a internet tornou-se um componente indispensável do tipo de movimento social que está emergindo na sociedade em rede.

No livro “Redes de Indignação e Esperança”, Castells (2013) alerta que vários movimentos sociais surgidos pelo mundo nos últimos anos apresentam uma série de características em comum e, talvez, a mais significativa delas seja a de que todos são conectados em rede de múltiplas formas.

...O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal. Inclui redes sociais on-line e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral. As tecnologias que possibilitam a constituição de redes são significativas por fornecer a plataforma para essa prática continuada e que tende a se expandir, evoluindo com a mudança de formato do movimento. (CASTELLS, 2013:160)

Castells (2013) também fala de um terceiro espaço que ele nomeia de espaço da autonomia. Apesar de os movimentos geralmente se iniciarem nas redes sociais da internet, eles apenas se tornam um movimento ao ocuparem o espaço urbano, ou seja, o espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto. Nesse sentido, segundo o autor,

pode garantir a autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livres das redes de comunicação; mas, ao mesmo tempo ela pode ser exercida como força transformadora, desafiando a ordem institucional disciplinar, ao reclamar o espaço da cidade para seus cidadãos” (CASTELLS, 2013:161).

III. Interações e dinâmicas do ciberativismo

Para que exista uma atividade ciberativista é necessário haver comunicação entre o ativista e seu público. Por conseguinte, a comunicação só existe se também houver interação entre os atores. Para Raquel Recuero (2009) a interação sempre é um processo comunicativo, que parte de uma ação entre o indivíduo e seus pares, causando um reflexo social.

A autora ainda afirma que nos processos de interação no ciberespaço há uma série de fatores diferenciais, como a multiplicidade de ferramentas de comunicação que suportam tal interação mediada por computador, as quais permitem, inclusive, que tais interações ocorram mesmo que um dos atores já esteja desconectado do ciberespaço. Nessa situação dizemos que a interação se dá de forma assíncrona, como nos *emails*. Já a forma síncrona seria aquela que “simula uma interação em tempos real” (Recuero, 2009:32). É o caso de *chats* e programas de conversa *online*.

Ainda de acordo com Recuero (2009), as interações são responsáveis pela construção de dois tipos de laços sociais que são classificados de acordo com a existência ou não delas. O primeiro é o laço relacional – no qual os atores necessariamente interagem – e o segundo – no qual o ator depende unicamente de pertencer a um determinado local, instituição ou grupo – é um laço de associação. Tais laços compõem a teia de comunidades virtuais e redes sociais na Internet.

Recuero (2009) ainda alerta para a diferença entre redes sociais da Internet e comunidades virtuais. As redes sociais seriam os conjuntos compostos por dois elementos: os atores (pessoas, instituições ou coletivos que são nós das redes) que possuem interesses, desejos e aspirações; e as conexões (interações e laços sociais). Já

a comunidade virtual, é uma característica das redes sociais. Seria o núcleo mais denso das redes, formado de laços fortes. Os indivíduos que compõe uma comunidade podem, por exemplo, se encontrar fora do ciberespaço e não estão conectados apenas em uma rede social da Internet.

Nesse sentido, podemos considerar, então, a Internet como o meio onde as interações são freqüentes e visíveis. Para os movimentos sociais que precisam constantemente informar suas causas, conquistar novos públicos e abrir espaço para discussão e crescimento, o ciberespaço passa a ter imenso valor.

O ativismo feito no ciberespaço encontra novas possibilidades de reorganização na rede e novas possibilidades de envolvimento político. Nesse sentido, ele utiliza as ferramentas digitais para tornar o trabalho do ativismo mais ágil e eficiente, como a produção de material informativo, divulgação de campanhas virais, incremento de recursos para ação de forma coletiva, dentre outros (Maia, 2011). De acordo com Harlow (2011), o ciberativismo se beneficia da rede das seguintes maneiras: convocações online para ações offline, convocação para ações online que também podem ser realizadas offline, e convocação para realização de atividades que só podem ser realizadas online, como é o caso das práticas de hacktivismo.

De acordo com Chadwick e Howard (2009), o termo inteligência coletiva está associado ao ciberativismo pelo fato de reunir, no mesmo corpo, uma variedade de elementos de compartilhamento de ideias, articulação entre indivíduos em torno de causas comuns e discussão pública, a fim de, utilizando ferramentas simples e largamente disponíveis, produzir conteúdo e informação para atingir algum objetivo político. Isso já acontece no mundo todo e, mais especificamente no Brasil, como é o caso dos coletivos que serão analisados nessa dissertação.

Para Levy e Lemos (2010), a expansão de sistemas de produção em colaboração não para de demonstrar a evolução dos processos de inteligência coletiva no ciberespaço apontando para uma ampliação da mobilização cultural e política.

Sandor Vegh (*apud* Rigitano 2003) propõe três categorias de classificação para o tipo de ciberativismo praticado por ativistas no ciberespaço. A partir do direcionamento de suas iniciativas, organizações ou indivíduos podem ser incluídos em

uma categoria específica ou desenvolver ações que envolvam as três formas de classificação. A primeira categoria diz respeito ao apoio e conscientização em que a internet pode funcionar como uma fonte alternativa de informação. Indivíduos e organizações podem difundir informações e eventos não relatados ou relatados de forma imprópria pela mídia de massa.

Já a segunda categoria proposta por Vegh (*apud* Rigitano 2003), inclui a organização e mobilização para uma determinada ação: a rede pode ser usada para convidar pessoas para uma ação off-line; e a rede pode ser usada para organizar e mobilizar pessoas para uma ação que só pode ser efetuada on-line, como a coordenação de uma campanha massiva de envio de *spams*. Por fim, a terceira e última categoria para classificação de formas de ativismo digital, segundo Vegh, é formada pelas iniciativas de ação/reação; mais conhecidas por hacktivismo.

Malini e Antoun (2013) atentam para o valor das *timelines* e dos compartilhamentos em tempos de redes sociais da internet – ferramentas frequentemente utilizadas pelos ciberativistas. No modelo de web 2.0 o usuário passa a se tornar um perfil e deixa de ter um “home” para ter a “timeline”:

A *timeline* funciona como um mural de notícias, cuja atualização vai sendo feita, ao mesmo tempo, pelo dono ou por qualquer outro perfil que ele decida incorporar nela; seja como amigo, seguidor ou membro do seu “círculo”. Essa incorporação se faz de modo automático pela atribuição do *status*. Deste modo, toda vez que esse “amigo” publica uma mensagem, esta é automaticamente incorporada ao mural alheio por ordem de atualidade. Neste ambiente de colaboração há uma permanente oscilação de um perfil entre a posição de público e autor, gerando um equilíbrio metaestável entre o próprio e o alheio. Nessa ecologia participativa, o público se transmuta entre parceiro e amigo. (MALINI e ANTOUN 2013: 213)

Ainda de acordo com Malini e Antoun (2013), a *timeline* é uma expressão de uma nova cultura de indiferenciação do consumo e da produção da informação que marca o engajamento do sujeito naquilo que escreve e na ação coletiva à qual ele se

vincula através de sua conversação. Nesse sentido, levando em consideração o *design* da *timeline*, existe a necessidade de uma produção colaborativa e é preciso que se tenha “amigos” para ser lido. O valor de um perfil na Rede Social é cada vez mais calculado através da abrangência atingida por replicações, *replies*, menções, comentários, curtições e compartilhamentos de conteúdos.

Para Castells (2013), nos movimentos desencadeados pelos ciberativistas o mais relevante é o impacto das mensagens sobre os múltiplos e inespecíficos receptores, cujas emoções se conectam à sua forma e a seu conteúdo. Castells também afirma que “o poder das imagens é soberano” e o *Youtube* é provavelmente uma das mais poderosas ferramentas de mobilização nos estágios iniciais desses movimentos.

Dessa forma, podemos dizer que o advento da WEB 2.0 - plataforma que engloba *wikis*, *blogs*, redes sociais, entre outros aplicativos que estimulam a inteligência e criação coletiva - trouxe alterações na forma comunicativa da sociedade ocidental. Trouxe a possibilidade de uma interação social a partir do compartilhamento e da criação colaborativa da informação nos mais diversos formatos. Vemos crescer a possibilidade de se publicar conteúdos por qualquer pessoa, baixando a praticamente zero o custo de produção e distribuição. Além disso, qualquer um – desde tomadores de decisão, gestores, agentes executores, agentes fiscalizadores, especialistas em comunicação e até cidadãos comuns – podem produzir informação e participar ativamente de um debate plural e contextualizado, promovendo assim o direito e à informação e a democratização da informação.

É neste contexto que as formas de ativismos também ganham novo sentido e vemos surgir uma nova forma de ativismo feito em rede e na rede, mas que ganha proporções e permite interações não apenas no campo do virtual, mas também na rua, no campo do real, físico/material. Nesse cenário é que iremos analisar no próximo capítulo as páginas *Fan Page* do *Facebook* de 3 (três) coletivos ciberativistas do Brasil que atuaram durante as manifestações de junho de 2013.

IV. Análise das *Fan Pages* do Facebook dos ciberativistas “Movimento Passe Livre”, Mídia NINJA” e “Anonymous Brasil” durante as manifestações de junho de 2013.

Neste capítulo pretende-se apresentar a metodologia de pesquisa escolhida para a análise de *Fan Pages* de Coletivos Ciberativistas que atuaram durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil. Serão detalhados os percursos desta pesquisa desde a delimitação do objeto até a análise final das postagens no *Facebook*.

IV.1 Procedimentos metodológicos para análise das *Fan Pages* de ciberativistas.

O objeto de estudo desta pesquisa é a observação e análise das páginas *Fan Pages* de 3 (três) coletivos de ciberativistas do Brasil que atuaram durante as manifestações que ocorreram entre junho e agosto de 2013. Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória (GIL, 1999), mais voltada para a análise de conteúdo.

Fonseca (2008), afirma que “a análise de conteúdo, em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (2008, p.280). Fonseca (2008) relata que nos primórdios o método de Análise de Conteúdo era associado ao positivismo, cuja principal característica é a valorização das ciências exatas como portadora de cientificidade. Dessa maneira, esse método era compreendido como uma forma linear e metódica de analisar uma base de dados verificáveis. As primeiras pesquisas que se utilizaram do método, estavam associadas ao crescimento do jornalismo sensacionalista a analisava quantitativamente os periódicos publicados. No entanto, a partir dos anos 1950, o método de análise de conteúdo perdeu sua ênfase excessiva nos métodos quantitativos e passou a considerar-se, também, a inferência como uma maneira de se alcançar os objetivos da pesquisa. A inferência, ou seja, a dedução a partir da lógica foca a atenção nos mecanismos subjacentes da mensagem e contribui, segundo o autor (FONSECA, 2008), para amenizar a herança positivista do método.

Bardin (1988) elucidou a análise de conteúdo em cinco etapas: (1) Organização da análise; (2) A codificação; (3) A categorização; (4) A inferência; e (5) O tratamento informático. Para ambos os autores é preciso explicitar a maneira como os dados foram escolhidos, de qual fonte foram extraídos e quais foram os critérios de recorte. Além disso, o contexto também se faz fundamental para a realização da pesquisa e, após sua abordagem, o pesquisador deve estabelecer uma relação entre ele e os dados, deixando claro qual é a finalidade (objetivo da pesquisa) das inferências que estão sendo realizadas.

Deste modo, a pesquisa empírica percorreu quatro fases: 1) Pesquisa e análise prévia de organizações ciberativistas relacionadas ao objeto de estudo; 2) Delimitação do objeto e 3) Elaboração das categorias de análise; 4) Processamento e análise quantitativa e qualitativa do material coletado e definição conceitual sobre as particularidades dos objetos pesquisados.

IV.2 Delimitação do objeto

Como objeto de análise de pesquisa foram escolhidos 3 (três) perfis no *Facebook* de coletivos ciberativistas do Brasil. A escolha pela ferramenta *Facebook* se deu por se entender que essa rede social da internet parece ser o elo principal da comunicação digital atual - de um lado é onde você encontra outras pessoas e, do outro, é onde você parte para outras fontes de informação. Frequentemente usuários vêm-se interpelados por *posts* de amigos - ou de conhecidos de amigos - e acabam comentando ou compartilhando as postagens, alimentando na rede um processo discursivo bastante difuso. Além disso, o *Facebook* se destaca pela agilidade com que viabiliza as interações em diversos formatos, inclusive, com outras redes sociais e outras ferramentas de comunicação da internet. Por fim, no Brasil o *Facebook* ainda é a rede social mais utilizada³ e, portanto, entende-se que é por onde as discussões de ativistas podem ser melhor identificadas.

³ De acordo com o "2013 Brazil Digital Future in Focus", pesquisa conduzida pela consultoria digital ComScore, o brasileiro passa, em média, 27 horas por mês conectado. Destes, 36% é ligado em sites de

As *Fan pages* (comunidades) de coletivos ciberativistas escolhidas para o processo de análise, foram: “Mídia NINJA”⁴, “Movimento Passe Livre SP (MPL)”⁵ e do “Anonymous Brasi”⁶. A página do “Movimento Passe Livre” foi escolhida uma vez que foi esse o movimento precursor das manifestações de Junho. Inicialmente convocadas na internet pelo “Movimento Passe Livre”, em protesto contra o aumento das passagens do transporte coletivo, as manifestações, fortemente reprimidas pelas polícias militares estaduais, rapidamente incorporaram bandeiras políticas diversificadas, exprimindo diferentes insatisfações populares. Já a *Fan Page* do coletivo “Mídia NINJA” (acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) foi escolhida por se entender que esse coletivo teve um papel de destaque na produção de conteúdos pela internet durante as manifestações. O coletivo “Mídia NINJA” potencializou a tecnologia do streaming (transmissão de vídeo pela internet) e trouxe uma cobertura mais clara do que realmente acontecia nas ruas, em contraponto com o que a mídia convencional transmitia nos veículos de comunicação tradicionais. No auge da luta entre policiais e manifestantes, o canal ao vivo do “Mídia NINJA” tinha 2.500 acessos e suas imagens, *posts* e *links* eram viroticamente replicados no *Facebook*. Por fim, o perfil no *Facebook* do “Anonymous Brasil” foi escolhido em virtude de um estudo feito pela empresa InterAgentes⁷ que constatou que os responsáveis pelos maiores focos de atividade no *Facebook* nos dias-chave dos protestos de rua em junho foram os integrantes da rede de ativismo hacker *Anonymous Brasil*. Esses internautas, que se identificam apenas por apelidos e usam máscaras inspiradas no filme “V de Vingança” (2006), dominaram os “nós de relevância” no tráfego do *Facebook*, nos dias em que centenas de milhares de pessoas foram às ruas. Uma leitura feita pelo software de visualização de dados *Gephi* identificou os perfis que receberam mais curtidas e comentários, e descobriu que, dos 20 listados, 12 traziam a bandeira *Anonymous*. Aqui vale ressaltar que esses coletivos apresentam mais de uma página e perfis no *Facebook* e, portanto, o estudo foi focado nas páginas que mais apresentavam fãs (curtidas/ *likes*).

redes sociais, tendo o Facebook como líder do segmento, com 44 milhões de usuários.

⁴ <https://www.facebook.com/midiaNINJA>.

⁵ <https://www.facebook.com/passelivresp>.

⁶ <https://www.facebook.com/AnonymousBr4sil>.

⁷ <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>

Para análise da pesquisa coletaram-se *posts* publicados ao longo do mês junho no perfil do *Facebook* dos 3 (três) coletivos ciberativistas. No entanto, em decorrência do grande volume de publicações que tomaram conta das páginas desses perfis ao longo de um mês e pensando nos limites de tempo e espaço da presente pesquisa, optou-se por analisar apenas os dias-chaves das manifestações (os dias que causaram mais repercussão tanto nas redes sociais, na mídia *mainstream* e que mais mobilizaram pessoas nas ruas das principais capitais brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Porto Alegre): os dias 11, 13, 17, 18 e 20 de junho.

IV.3 Categorias de análise

As categorias de análise elaboradas para uma observação sistemática do estudo foram:

- 1) Freqüência de postagens: a fim de identificar a densidade da rede;
- 2) Freqüência de compartilhamentos, comentários e *Likes*: podendo então identificar as freqüências de interação e quais *posts* obtiveram mais engajamento;
- 3) Conteúdo: especificamente na categoria Conteúdo, pretende-se analisar os tipos de linguagem e as diversas formas de comunicação que os ciberativistas utilizam para mobilizar e informar.

IV.4 Resultado e discussão da Análise das *Fan Pages* dos coletivos ciberativistas no *Facebook*.

A análise quantitativa das *Fan Pages* dos três coletivos ciberativistas aqui estudados pretende dar um panorama geral das interações que aconteceram nesses ambientes. Nesse sentido, em um primeiro momento serão mostrados os resultados referentes aos processos de interação existente nas *Fan Pages*: fluxo de postagens, fluxo de “curtidas” (*likes*), fluxos de “comentários” (*comments*), fluxo de “compartilhamentos” (*share*). Em seguida, serão mostrados resultados qualitativos que dizem respeito às características, composição e funções dos conteúdos postados.

De acordo com Malini e Antoun (2013), já explicitado no capítulo III, o valor da *Fan Page* é cada vez mais calculado através da abrangência atingida por replicações, menções, comentários, curtidas e compartilhamentos de conteúdos, por isso a importância de analisar os fluxos de interação das *Fan Pages* selecionadas para análise.

Aqui, vale ressaltar que as três *Fan Pages* analisadas refletem períodos cronológicos iguais, compreendidos entre os dias 11, 13, 17, 18 e 20 de junho de 2013.

IV.4.1 Sobre os coletivos ciberativistas, suas *Fan Pages* e fluxos de interação.

“Movimento Passe Livre”: é um movimento social que existe desde 2005. O objetivo do coletivo é discutir um projeto de transporte público alternativo para as cidades que seja gratuito para todo o conjunto da população e que não tenha vínculo com a iniciativa privada. Além disso, de uma forma geral, o coletivo luta pela implantação de políticas públicas mais justas e acessíveis para toda a população no que se refere ao transporte público de qualidade. O movimento não é filiado a nenhum partido político ou Instituição e se autodenomina como um movimento social independente e horizontal, ou seja, que não possui presidentes, dirigentes, chefes ou secretários. Todos têm a mesma voz e poder de decisão dentro dos espaços de discussão do MPL.

A *Fan Page* no Facebook do movimento “Passe Livre São Paulo” foi criada no dia 05/06/2011. Atualmente a página acumula 294.164 (duzentos e noventa e quatro mil cento e sessenta e quatro) “curtidas” ou fãs. A cidade que mais se interage com a página é São Paulo e a semana mais popular da página foi a de 16 de junho de 2013.

Em relação ao fluxo de interação da *Fan Page* “Movimento Passe Livre” nos dias analisados, é possível perceber que a ferramenta de interação mais utilizada nessa página é “curtir” com 72.782 (setenta e duas mil setecentas e oitenta e duas) curtidas somadas no dia 17 (dia de maior interação), conforme demonstrado no gráfico 1. Já em relação aos “comentários” e “compartilhamentos”, o dia 18 é que acumulou as maiores interações referentes a essas funções somando 6.517 (seis mil quinhentos e

dezessete) e 27.345 (vinte e sete mil trezentos e quarenta e cinco) para “comentários” e “compartilhamentos” respectivamente.

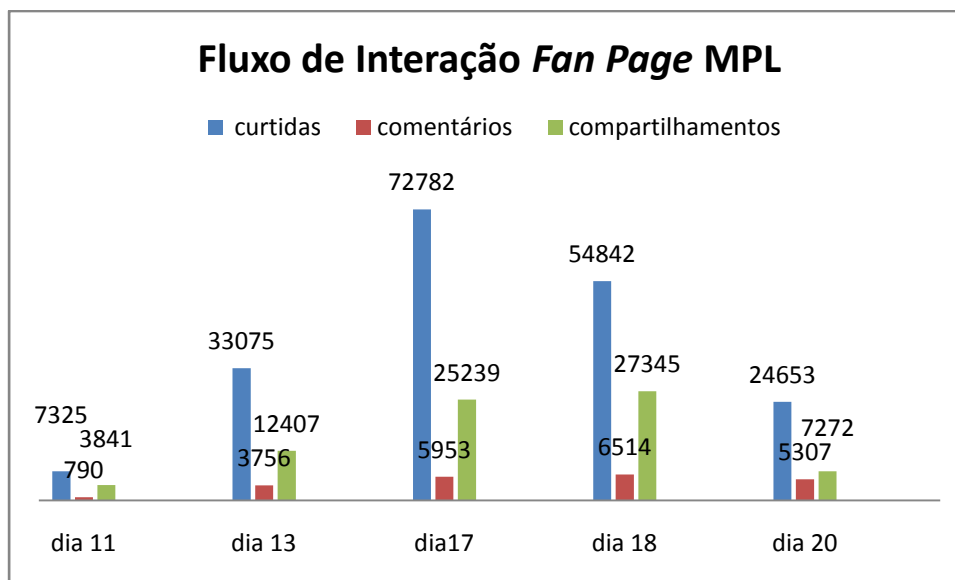


Gráfico 1 - Fluxo de Interação da Fan Page "Movimento Passe Livre"

“Mídia NINJA” (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação): é um grupo de ativistas jovens que desenvolvem uma narrativa alternativa à produzida pela mídia tradicional. Os ativistas do “Mídia NINJA” usam *smartphones* para divulgar ao vivo protestos de rua, manifestações de várias bandeiras sociais e eventuais confrontos com a polícia. Para esses ativistas a colaboração é fundamental para a manutenção de suas ações, tanto no aspecto de produção de conteúdo – eles recebem pautas, matérias e, depois de analisados, partem para a rua – quanto no financeiro. O grupo teve origem em junho de 2011, por meio da Pós-TV, mídia digital do circuito Fora do Eixo⁸.

⁸ O Circuito Fora do Eixo é uma rede de coletivos culturais surgida no final de 2005 que se destaca pelo seu contínuo crescimento, e que, em 2012, totalizava mais de 200 espaços culturais no Brasil, 2000 agentes culturais, 2800 parceiros e 20000 pessoas indiretamente, estando presente em 27 estados e mais 15 países da América Latina. Iniciada por produtores e artistas de estados brasileiros fora do eixo Rio-São Paulo, inicialmente focava no intercâmbio solidário de atrações musicais e conhecimento sobre produção de eventos, mas cresceu para abranger outras formas de expressão como o audiovisual, o teatro e as artes visuais, ainda que a música siga tendo uma maior participação na rede.

A *Fan Page* no *Facebook* do “Mídia NINJA” foi criada no dia 27 de março de 2013. Atualmente a página acumula 244.566 (duzentos e quarenta e quatro mil quinhentos e sessenta e seis) “curtidas” ou fãs. A cidade que mais se interage com a página é o Rio de Janeiro e a semana mais popular da página foi a de 16 de junho de 2013.

Em relação ao fluxo de interação da *Fan Page* “Mídia NINJA” nos dias analisados, é possível perceber que a ferramenta de interação mais utilizada nessa página é “curtir” somando 18.852 (dezoito mil oitocentos e cinquenta e dois) curtidas no dia 17. No entanto, a ferramenta “compartilhar” foi a que somou o maior número de interações realizadas no decorrer dos dias analisados, somando 25.570 (vinte e cinco mil quinhentos e setenta) compartilhamentos, também no dia 17. Já o número de “comentários” não é tão significante nessa *Fan Page*, somando 586 (quinhentos e oitenta e seis) comentários no dia 17. Conforme ilustra o gráfico 2, podemos concluir que o dia 17 foi o que teve mais interação com todas as ferramentas do *Facebook*: “curtir”, “comentar” e “compartilhar”.

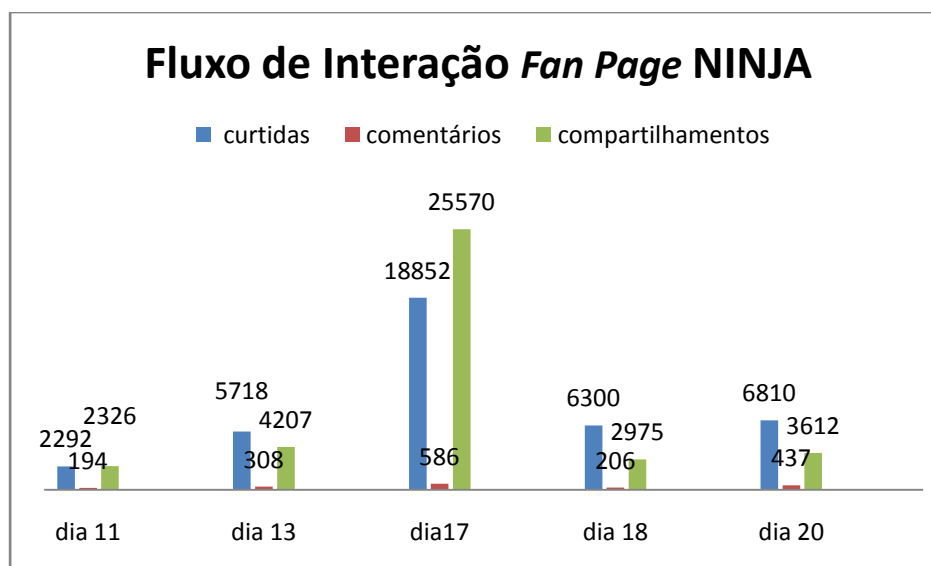


Gráfico 2 - Fluxo de Interação da *Fan Page* “Mídia NINJA”

“Anonymous Brasil”: o movimento *Anonymous* é uma legião com representantes no mundo inteiro. O termo representa uma comunidade do ciberespaço que é descentralizada e que atua de forma anônima, mas de maneira

coordenada e sempre a favor dos direitos do povo perante seus governantes. A partir de 2008, o coletivo ficou cada vez mais associado ao *hackativismo*, realizando protestos e outras ações muitas vezes com o objetivo de promover a liberdade na internet e a liberdade de expressão.

O “Anonymous Brasil” é uma rede de notícias que apóia o movimento *Anonymous*. A *Fan Page* do Facebook foi criada em 18 de julho de 2012. Atualmente a página acumula 1.233.094 (um milhão, duzentos e trinta e três mil e noventa e quatro) “curtidas” ou fãs. A cidade que mais se interage com a página é São Paulo e a semana mais popular da página foi 16 de junho de 2013.

Na *Fan Page* “Anonymous Brasil” a ferramenta de interação mais utilizada é “curtir” somando 88593 (oitenta e oito mil quinhentas e noventa e três) curtidas, contabilizadas no dia 18. No entanto, no dia 17 é possível perceber que os “compartilhamentos” foram mais freqüentes que “curtidas” e “comentários”, acumulando um total de 79.255 (setenta e nove mil duzentos e cinquenta e cinco) compartilhamentos nesse dia. Já o dia com maior número de “comentário” foi o dia 18, com 7.527 (sete mil quinhentos e vinte e sete comentários).

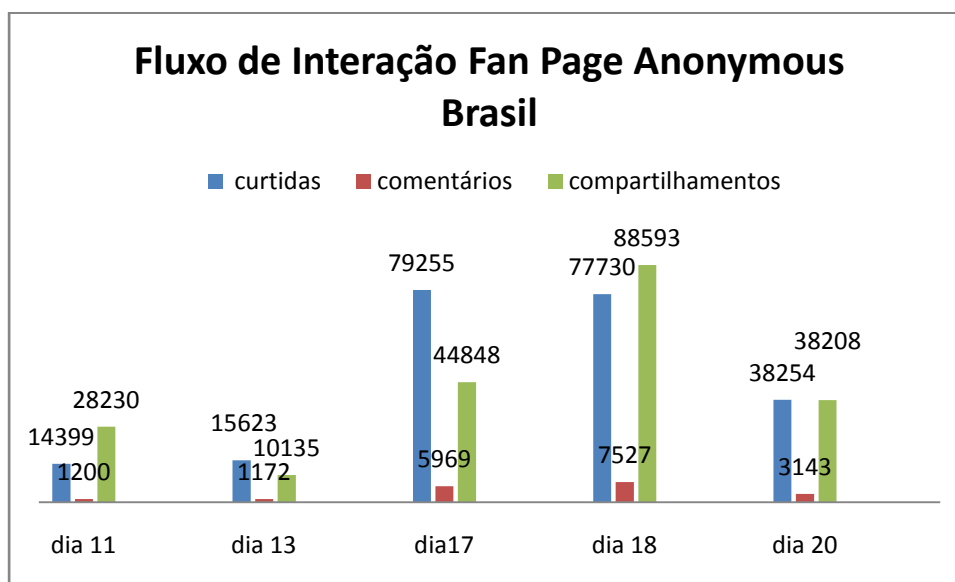


Gráfico 3 - Fluxo de Interação da *Fan Page* "Anonymous Brasil"

IV.4.2 Relação da frequência de postagens e interação entre as *Fan Pages*

A *Fan Page* do “Anounymous Brasil”, com o maior número de fãs (*likes/curtir*) dentre todos os coletivos analisados, também representa a maior concentração de postagens seguida da *Fan Page* do “Mídia NINJA” e, por fim, do “Movimento Passe livre”. É possível verificar que durante a maioria dos dias analisados, a página do “Anonymous Brasil” era a que acumulava mais postagens, no entanto, especificamente no dia 20 de junho de 2013 a página do “Mídia NINJA” foi detentora do maior número de postagens, conforme demonstra o gráfico 4:

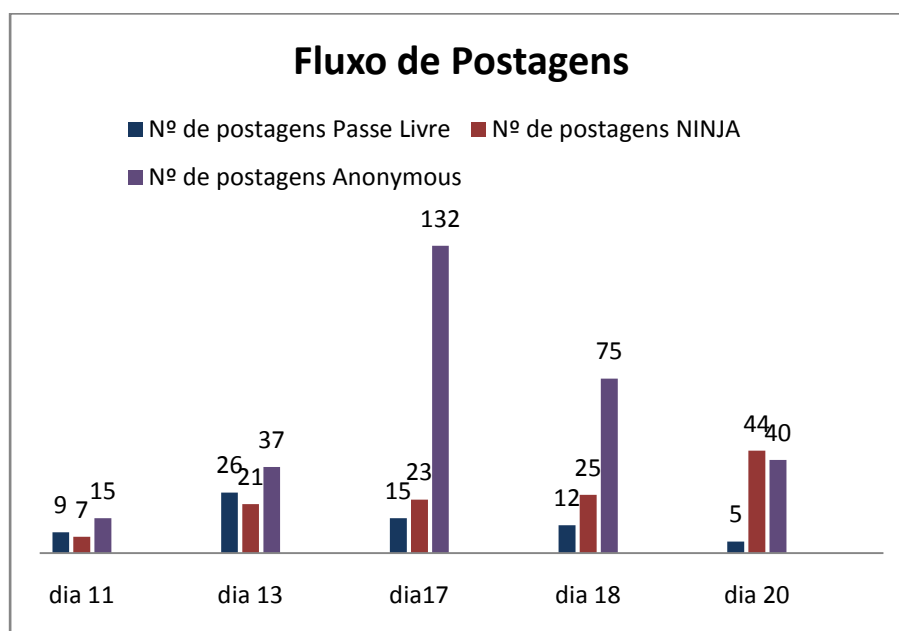


Gráfico 4 - Fluxo de postagens dos três coletivos ciberativistas durante os dias 11,13,17,18 e 20

Nos gráficos seguintes serão demonstradas as dinâmicas das postagens através dos números de pessoas que curtiram, número de comentários e compartilhamentos. Essas três ferramentas são os laços relacionais responsáveis pelas interações entre os ciberativistas no *Facebook*, de acordo com a definição de Recuero (2009), discutida no capítulo III.

Em relação as interações, mais especificamente ao número de “curtidas”, o gráfico 5 mostra a soma de “curtir” de todas as postagens publicadas nos dias

analisados. Percebe-se, de acordo com gráfico 5, que a página do “Anonymous Brasil” é também a que mais possui curtidas. No entanto, o número de *likes* da página “Movimento Passe Livre” é bastante significativo tendo em vista que o número de postagem (gráfico 1) é inferior às outras páginas dos coletivos ciberativistas. Ou seja, apesar de a *Fan Page* do “Movimento Passe Livre” não ter um fluxo de postagens tão significativo, o número de interações - nesse caso medido pelo número de *likes* - é significativo. No dia 13, por exemplo, a página do “Movimento Passe Livre” acumulava o maior número de *likes* dentre todas as páginas analisadas

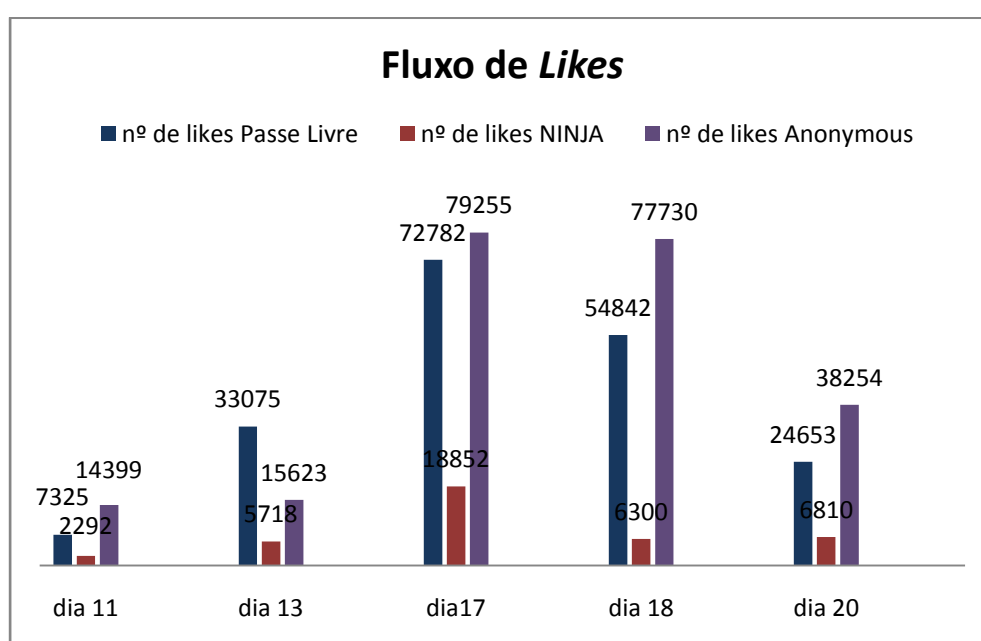


Gráfico 5 - Fluxo de Likes dos três coletivos ciberativistas durante os dias 11, 13, 17, 18 e 20

Já em relação ao número de “comentários” – que assim como “Curtir” e “compartilhar” são responsáveis pelas interações entre os atores do *Facebook* – a *Fan Page* do “Anonymous Brasil” é a que mais acumula comentários, com exceção do dia 20 em que a página mais interativa ficou por conta da *Fan Page* do “Movimento Passe Livre” mostrando novamente a força de interação dessa página com outros atores, conforme ilustra o gráfico 6.

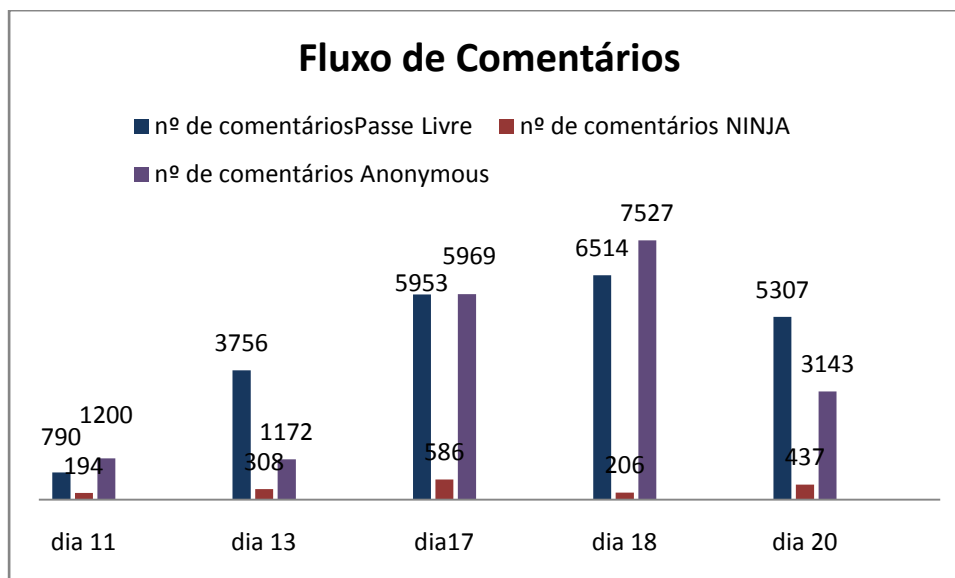


Gráfico 6 - Fluxo de comentários dos três coletivos ciberativistas durante os dias 11, 13, 17, 18 e 20

No entanto, aqui vale ressaltar que uma única pessoa pode fazer mais de um comentário em um único *post*, diferentemente do que acontece com a ferramenta “curtir” ou com a ferramenta “compartilhar” em que cada pessoa pode fazer apenas uma interação. Isso significa que se o índice de comentários for alto, não necessariamente várias pessoas estão interagindo nessa postagem. Pode acontecer de a interação ser restrita a duas ou até a uma única pessoa, mesmo que o número de comentários seja alto.

Sem dúvida os comentários são espaços em que é possível discutir e refletir mais profundamente o tema da postagem, no entanto, eles também podem ser canais livres para qualquer expressão que não necessariamente tenha a ver com o assunto publicado. Nesse sentido, entende-se que o número de pessoas que interagem através do “curtir” e/ou “compartilhar”, representa números mais fiéis de interesse na informação postada.

Por fim, a ferramenta “compartilhar” que permite ao seguidor da *Fan Page* publicar a informação para o seu ciclo de amigos do *Facebook*, foi bastante utilizada em todas as páginas analisadas. No entanto, o fluxo de compartilhamentos na página do “Anonymous Brasil” foi superior aos outros coletivos analisados, conforme ilustra o gráfico 7.

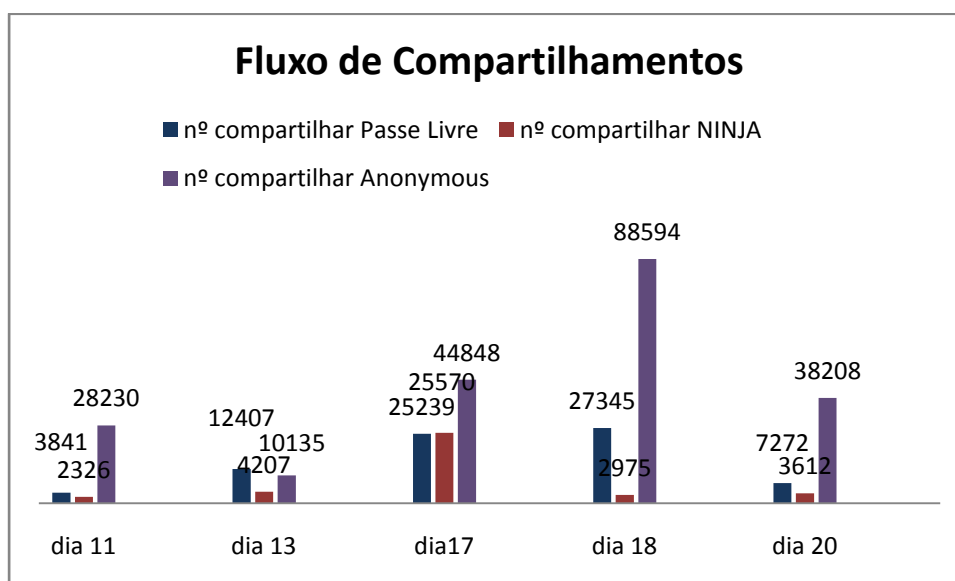


Gráfico 7 - Fluxo de compartilhamentos dos três coletivos ciberativistas durante os dias 11, 13, 17, 18 e 20

IV.4.3 As diferentes formas de comunicação utilizadas pelos ciberativistas

Levando em consideração que a internet e as Redes sociais da Internet podem ser tomadas como um ambiente gerador e transformador que propõe novas formas de participação, novos gêneros da linguagem e novas formas de interação, a proposta é perceber as principais características e composição dos conteúdos postados por ciberativistas no *Facebook*, além de suas funções específicas e de que forma esses conteúdos contribuíram para as manifestações no Brasil em junho de 2013. Nesse sentido, foram criados itens de classificação que conceituam algumas funções, características e composição específicas de cada postagem analisada, a saber: *Posts de Monitoramento/Mapeamento*; *Posts de Denúncia*; *Posts de Cobertura Alternativa*; *Posts de Protesto Virtual*; *Posts de Mobilização/Articulação em Rede*; *Posts de Mensagens Lúdicas/memes* e *Posts de Hctivismo*. Aqui, vale ressaltar que esses itens de classificação foram criados de acordo com as teorias discutidas no capítulo III - sobre Interação e Dinâmicas do Ciberativismo - principalmente as categorias de classificação para o tipo de ciberativismo propostas por Harlow (2011) e Vegh (apud Rigitano 2003):

1. *Posts de Monitoramento/Mapeamento:*

Durante as manifestações vários *posts* surgiram a fim de mapear e monitorar o local dos protestos. A finalidade desses *posts* era a de informar os ciberativistas interessados em ir para a rua onde exatamente os manifestantes estavam concentrados e o que acontecia em certos locais. Além disso, essas postagens também serviam para informar àqueles que pudessem evitar ruas e avenidas próximas, conforme é exemplificado nas figuras abaixo:



Figura 1 - Post Monitoramento Mídia NINJA, 18 de junho de 2013



Figura 2 - Post Monitoramento Mídia NINJA, 11 de junho de 2013



Figura 3 - Post Monitoramento Passe Livre, dia 17 de junho de 2013



Anonymous Brasil

17 de junho de 2013

Curtam nossa página: [Anonymous Brasil](#)

Mapa das manifestações em São Paulo.

O MAPA DA MANIFESTAÇÃO

Acompanhe as ações durante o protesto do Movimento Passe Livre em São Paulo

SITUAÇÃO ATUAL

Grupo que seguia pela ponte Octavio Frias de Oliveira começa a se dispersar. Parte diz que vai para casa, outra parte deve seguir para a avenida Paulista, onde há foco de manifestantes. Outro grupo fecha todas as faixas da avenida 23 de Maio no sentido aeroporto



Curtir · Comentar · Compartilhar

216 25 137

Figura 4 - Post Monitoramento Anonymous Brasil, dia 17 de junho de 2013

Os posts de Monitoramento/Mapeamento também serviram de ajuda para os próprios manifestantes ciberativistas que estavam nas ruas, mas ainda conectados a internet pelo telemóvel. Isso porque essas postagens também informavam sobre conflitos entre os próprios manifestantes ou abordagens policial, sobre locais de pronto-atendimento de socorro às vítimas e sobre acessória jurídica para manifestantes presos:



Figura 5 - Post Monitoramento Passe Livre, dia 13 de junho de 2013

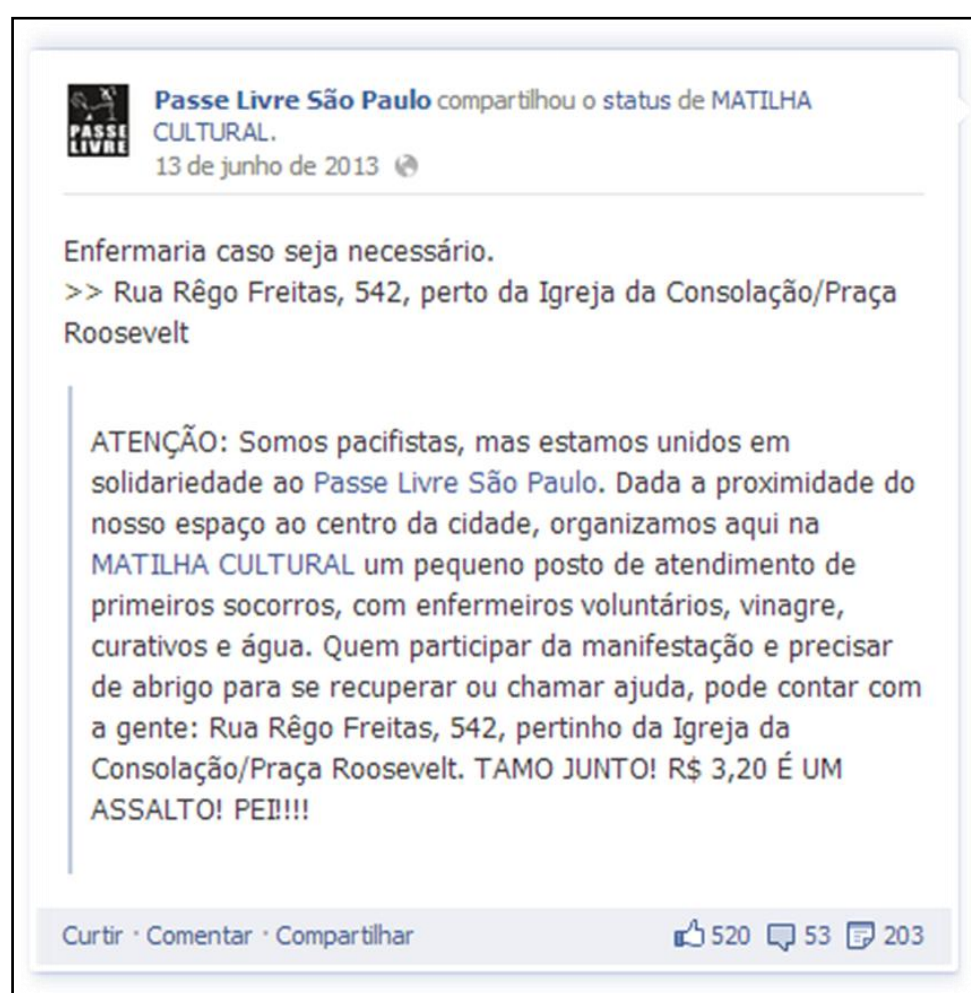


Figura 6 - Post Monitoramento Passe livre, dia 13 de junho de 2013



Figura 7 - Post Monitoramento Anonymous Brasil, dia 17 de junho de 2013



Figura 8 - Post Monitoramento Anonymous Brasil, dia 17 de junho de 2013

2. Posts de Denúncia:

Os *posts* de denúncia surgiram nas páginas *Fan Pages* dos coletivos ciberativistas basicamente para denunciar os abusos de poder e a violência cometida pela Polícia Militar durante as manifestações, ou para denunciar o vandalismo de alguns manifestantes e possíveis confrontos ocorridos nas ruas. Essas denúncias eram de situações que ocorriam tanto em tempo real, ou seja, que estavam acontecendo ali naquele momento e que eram flagradas por um ciberativista que estava na Rua postando na rede ou eram denúncias de acontecimentos passados, mas que não ganharam visibilidade na mídia tradicional. Alguns exemplos de posts de denúncia podem ser observados nas figuras abaixo:



Figura 9 - Post de Denúncia Mídia NINJA, 13 de junho de 2013



Passe Livre São Paulo

17 de junho de 2013

O Movimento Passe Livre convoca todos e todas a registrarem as agressões e abusos cometidos pela Polícia Militar durante os protestos contra o aumento da tarifa.

Você foi vítima da violência estatal? Denuncie!

O que você deve fazer:

Se você foi ferido e tem marcas ou lesões:

- (1) procure uma delegacia de polícia e registre um simples boletim de ocorrência narrando o episódio de agressão;
- (2) solicite à Polícia Civil uma requisição de exame de corpo de delito junto ao IML;
- (3) procure o IML mais próximo e faça o exame faça o exame de corpo delito no IML (tem um IML no hospital das clínicas, vá acompanhada de algum amigo);
- (4) envie cópia do boletim de ocorrência e do laudo médico para passelivresp@gmail.com.
- (5) para fazer a denuncia dos abusos procure a defensoria publica - nucleo de direitos humanos - Rua Boa Vista nº 103, 11º Andar. São Paulo - SP. CEP: 01014-001 - Brasil. Fone: (11) 3107.5080. nucleo.dh@defensoria.sp.gov.br
- (6) junte o máximo de provas, videos, fotos, testemunhas e pessoas dispostas a fazer o mesmo
- (7) vá ao próximo ato, segunda feira, as 17h no largo da batata - amanhã vai ser maior!

O MPL-SP estuda que a melhor maneira de responsabilizar juridicamente a polícia pelos abusos cometidos nos últimos atos. Sua colaboração é muito importante!

Curtir · Comentar · Compartilhar

1.278 128 477

Figura 10 - Post de Denúncia Movimento Passe Livre, dia 17 de junho de 2013



Figura 11 - Post de Denúncia Anonymous Brasil, dia 17 de junho de 2013



Figura 12 - Post de Denúncia Anonymous Brasil, dia 18 de junho de 2013



Figura 13 - Post Denúncia Mídia NINJA, dia 11 de junho de 2013

3. *Posts de Cobertura Alternativa:*

As novas tecnologias possibilitaram aos manifestantes a realização de uma cobertura dos protestos diferente da realizada pela Mídia Tradicional. Com seus *smartphones* e câmeras, eles foram protagonistas de uma cobertura feita por quem sente na pele e no dia a dia todas as mazelas que eram reivindicadas nos atos e com o olhar de quem via o que de fato acontecia nas ruas. Enquanto a maioria dos telejornais, rádios e impressos criminalizavam as manifestações, resumindo as ações dos ativistas de “vandalismo”, os ciberativistas mostravam pelas redes sociais que na verdade a violência partia dos policiais.

A tecnologia utilizada pelos ciberativistas para divulgar ao vivo pela internet o que de fato ocorria nas manifestações foi a *streaming*⁹. A POSTV, canal dos ciberativistas do mídia NINJA, utiliza o *TwitCasting*, mas é possível usar também o *Android*, entre outras plataformas. O trabalho é completamente *copyleft* e os próprios ciberativistas explicam para as pessoas nas ruas como elas podem realizar a transmissão e ajudar na cobertura alternativa. O coletivo ciberativista Mídia NINJA foi o precursor desse tipo de estratégia de comunicação nas manifestações de junho no Brasil e ficou mais popular justamente por difundir essa tecnologia que foi largamente utilizada na internet.

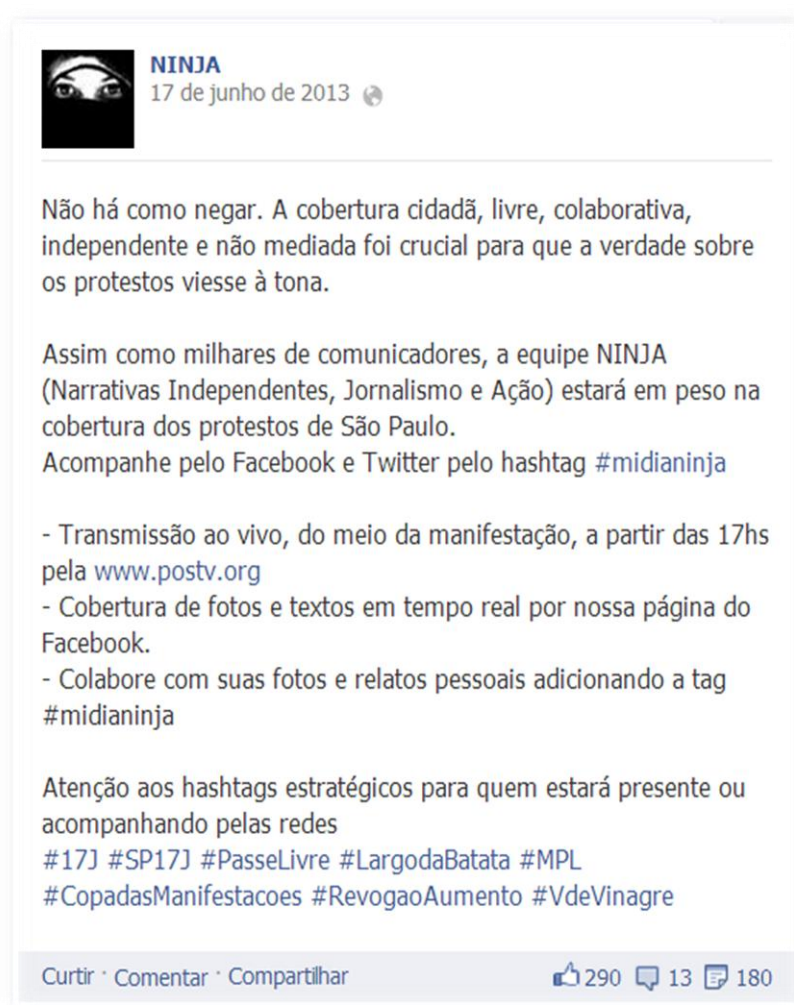


Figura 14 - Post Cobertura Alternativa Mídia NINJA, dia 17 de junho de 2013

⁹ A tecnologia *streaming* é uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes. Por meio do serviço, é possível assistir a filmes ou escutar música sem a necessidade de fazer download, o que torna mais rápido o acesso aos conteúdos online.



Figura 15 - Post Cobertura Alternativa Mídia NINJA, dia 20 de junho de 2013



Figura 16 - Post Cobertura Alternativa Anonymous Brasil, dia 18 de junho de 2013



Figura 17 - Post Cobertura Alternativa Anonymous Brasil, dia 17 de junho de 2013

4. Posts de Protesto Virtual

Esse tipo de postagem geralmente é feita por pessoas que não se envolvem diretamente nos protestos das ruas, mas somam apoio às causas defendidas. Também são postagens feitas por ativistas que participam tanto dos protestos nas ruas, mas que também ficam no virtual compartilhando informações de vários tipos. Geralmente esses ciberativistas adotam *addons* em seus perfis do *Facebook*. Mesmo sem estar presente nas ruas, esse tipo de ciberativista contribui para que as informações ganhem mais força, visibilidade e alguma se tornam Virais da Internet.

Recentemente o Facebook lançou as *hashtags*¹⁰ e, por isso, elas também foram utilizadas como demonstração de apoio às manifestações.



Figura 18 - Post Protesto Virtual Movimento Passe livre, dia 17 de junho de 2013

¹⁰ Tags são palavras-chave (relevantes) ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita no aplicativo Twitter, e também adicionado ao Facebook Google Plus e/ou Instagram. Hashtags são compostos pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#). As *hashtags* viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, outros usuários podem clicar nas hashtags ou buscá-las em mecanismos como o Google, para ter acesso a todos que participaram da discussão.



Figura 19 – Post Protesto Virtual Mídia NINJA, dia 17 de junho de 2013



Figura 20 - Post Protesto Virtual Anonymous Brasil, dia 18 de junho de 2013



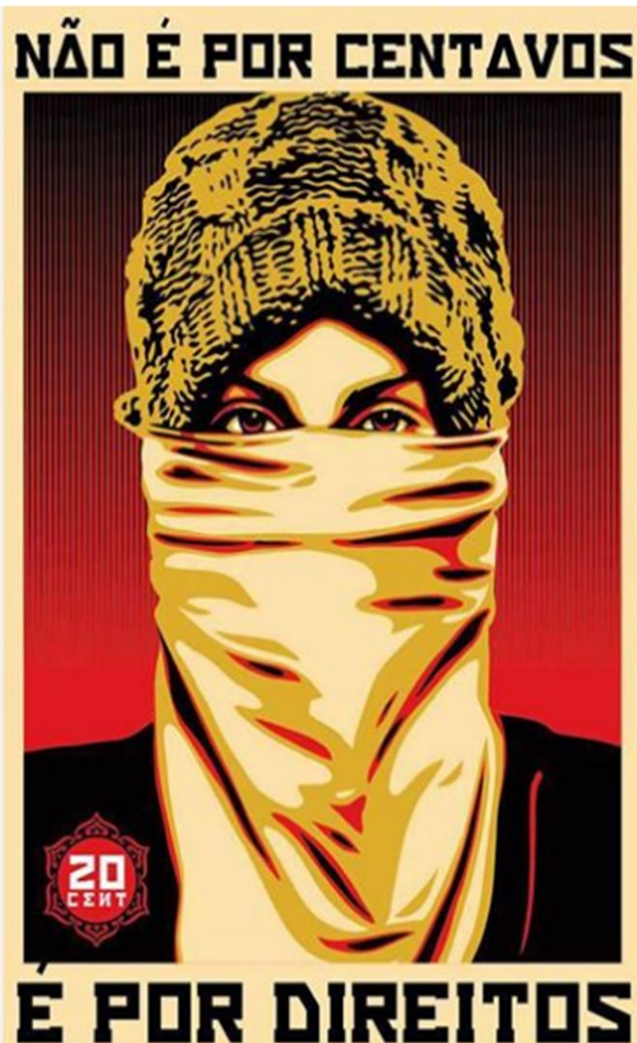
Anonymous Brasil

17 de junho de 2013

Curtam nossa página: [Anonymous Brasil](#)

Essa luta é de todos nós!

#VemPraRua - #OGiganteAcordou



Curtir · Comentar · Compartilhar

1.367 33 1.173

Figura 21 - Post Protesto Virtual Anonymous Brasil, dia 17 de junho de 2013



Figura 22 - Post Protesto Virtual Anonymous Brasil, dia 20 de junho de 2013



Figura 23 - Post Protesto Virtual Anonymous Brasil, dia 18 de junho de 2013

5. Posts de Mobilização/Articulação em Rede

O Facebook é a principal Rede Social responsável por essa função. Isso porque é ali onde todos se “encontram” (cidadãos comuns, ativistas, sociedade civil organizada, poder público) e essa é a única ferramenta que permite criar eventos que podem mobilizar e convocar milhões de pessoas em poucos segundos. Dessa forma, foi possível verificar a articulação rápida de movimentos e manifestações em diversas cidades do Brasil e até do mundo. Os perfis, páginas e eventos correlatos se multiplicaram e ajudaram o movimento, que antes era pequeno e concentrado em São Paulo, a se articular sem aparente centralização ou qualquer tipo de controle.



Figura 24 - Post Mobilização em Rede Movimento Passe Livre, dia 11 de junho de 2013



Figura 25 - Post de Mobilização em Rede Anonymous Brasil, dia 11 de junho de 2013



Figura 26 - Post de Mobilização em Rede Movimento Passe Livre, dia 17 de junho de 2013

6. *Posts de Mensagens Lúdicas/memes*

São publicações na forma de charge ou foto montagem ligados aos protestos. Os memes da Internet são utilizados para caracterizar uma idéia ou conceito, que se difundi rapidamente no ciberespaço. Pode ser também uma frase, link ou vídeo que se espalharam por intermédio do *Facebook*. Aqui, vale ressaltar que esse tipo de *post* também pode se transformar em Virais da Internet.

Nos dias de análise apenas a *Fan Page* do Anonymous utilizou esse tipo de postagem para mobilizar e informar seguidores que, inclusive, é um artifício bastante usado pelo coletivo ciberativista.



Figura 27 - *Post Mensagem Lúdica/Meme Anonymous Brasil, dia 20 de junho de 2013*



Figura 28 - Post Mensagem Lúdica/Memme Anonymous Brasil, dia 18 de junho de 2013

7. Posts de Hacktivismo

Durante as manifestações vários *hackerativistas* invadiram sites do governo, de empresas e de grandes veículos de comunicação. Os sites eram derrubados por um período de tempo e ficavam fora do ar ou então eram invadidos por frases e imagens de apoio aos protestos. Todas essas ações eram divulgadas pelo *Facebook* para que os ativistas tomassem conhecimento e vivessem com a informação.

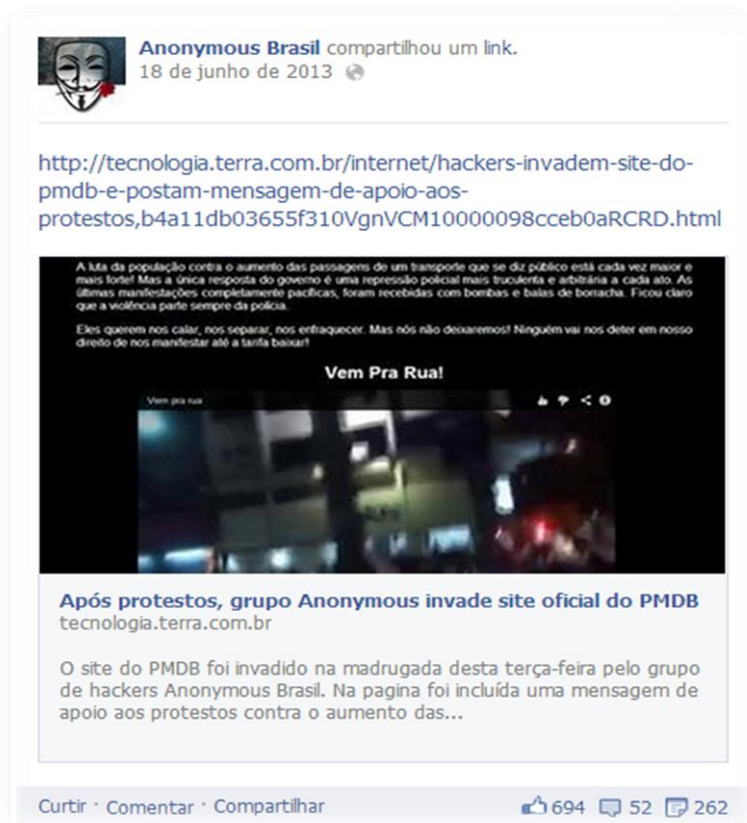


Figura 29 - Post de Hacktivismo Anonymous Brasil, dia 18 de junho de 2013



Figura 30 - Post de Hacktivismo Movimento Passe Livre, dia 13 de junho de 2013

IV.4.4 Considerações sobre a análise das *Fan Pages* de coletivos ciberativistas

Os dados levantados na presente pesquisa apontam para a forma com que coletivos ciberativistas como o Movimento Passe Livre, o Mídia Ninja e Anonymous Brasil se apropriam das redes sociais - no caso o *Facebook* - para agir politicamente. O que podemos perceber é que é possível verificar diversas táticas utilizadas para dar força às manifestações (tanto *online* quanto *offline*), para protestar, para informar, para denunciar e tantas outras funções. Também percebemos que outras formas de comunicação são necessárias para dar conta da demanda cidadã por ações informativas, apesar de ser o *Facebook* a ferramenta que mais reúne os ciberativistas e a que mais agrega informações produzidas em outras ferramentas como *Youtube*, *Tumblr*, *Twitter*, por exemplo.

De uma forma geral, as *Fan Pages* dos coletivos ciberativistas analisados são preocupadas em reforçar sua identidade junto a uma crescente visualização de seus perfis. Além disso, a maioria das postagens utiliza a instantaneidade e a facilidade de acesso ao *Facebook* – que pode ser feito através de *PCs*, *Tablets* e *smartphones* – para atualizar em tempo real informações sobre protestos seja através de *posts* escritos, imagens ou audiovisuais. Também podemos perceber que as interações com os conteúdos postados nas *Fan Pages* dos ciberativistas podem ser feitas por agentes mais engajados cuja ação não se restringe ao espaço virtual, ou por outros tantos que não se envolvem tanto com o conteúdo e que preferem apenas ficar no campo virtual para espiar, contemplar ou ajudando na divulgação da causa e na mobilização online. Também é possível perceber uma preocupação em informar os ativistas sobre atos locais, destacando aqui uma tendência a mostrar a fragilidade do sistema policial brasileiro e uma alternativa à comunicação de massa, considerada manipulador pela grande maioria dos ciberativistas.

Conclusão

O surgimento do ciberativismo dentro do contexto da cibercultura, com o advento da Web 2.0, alterou a forma como a sociedade se comunica. Nesse novo cenário, novas formas de ativismo foram surgindo na rede e em rede, conforme demonstrado nessa pesquisa. Ciberativistas como os do “Movimento Passe Livre”, do “Mídia Ninja” ou “Anonymous Brasil” são exemplos da formação dessa nova identidade global, que faz com que causas locais atinjam amplitude global, através do ciberespaço, com o objetivo de atender necessidades mundialmente reconhecidas como a democracia, a defesa dos Direitos Humanos, o direito a informação, etc.

Como previa Marshall McLuhan, vivemos em uma Aldeia Global que nos permite ampliar as possibilidades de organização social, fazendo com que um acontecimento em uma parte isolada do mundo ganhe projeção e reflexos em outra parte geograficamente distante e, conseqüentemente, ganhe soluções coletivas e colaborativas. A busca por um ideário comum e por um senso de cidadania global compartilhada faz com que uma inteligência coletiva se articule nas Redes Sociais da internet e fora delas.

A “ausência” de um corpo e um espaço físico delimitado nas ações de ativistas que utilizam o ciberespaço para lutar por suas causas parece não comprometer o resultado de suas ações. Muito pelo contrário, a utilização desse espaço virtual e conseqüentemente dessa nova maneira de fazer ativismo, tem cada vez mais legitimado causas das mais diversas. Temos percebido mobilizações sociais e políticas que são articuladas no ciberespaço e que com apenas um clique somam milhares de apoio.

Não podemos deixar de ressaltar, no entanto, que grande parte dessas mobilizações começam no ciberespaço - onde são divulgadas, discutidas e analisadas – mas terminam nas ruas.

Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização.

Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades.

...De forma confusa, raivosa e otimista, foi surgindo por sua vez essa consciência de milhares de pessoas que eram ao mesmo tempo indivíduos e um coletivo, pois estavam - e estão - sempre conectadas, conectadas em rede e enredadas na rua, mão na mão, tuítes a tuítes, post a post, imagem a imagem. Um mundo de virtualidade real e realidade multimodal, um mundo novo que já não é novo, mas que as gerações mais jovens vêem como seu. Um mundo que a gerontocracia dominante não entende, não conhece e que não lhe interessa, por ela encarado com suspeita quando seus próprios filhos e netos se comunicam pela internet, entre si e com o mundo, e ela sente que está perdendo o controle. (CASTELLS, 2013:178-180).

A interação no ciberespaço parece servir como um complemento para o fortalecimento de ações que precisam ser concretizadas presencialmente. No entanto, alguns cuidados precisam ser tomados para que não entremos no comodismo do ativismo de um *click*, onde, depois de curtidas e compartilhamentos ou algumas frases *hashtags* no *Facebook*, nos damos por satisfeitos e com o dever de cidadão cumprido. Conforme entende Castells (2013) esse híbrido de cibernética e espaço urbano deve constituir um terceiro espaço, o espaço da autonomia, caso contrário equivale a um ativismo interrompido. “O espaço da autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede” (CASTELLS, 2013:161). Não podemos substituir as ações reais e concretas por ações virtuais, mas entender que uma pode e deve complementar a outra para que assim, entre a rua e a rede, as causas se multipliquem e contribuam para potencializar seu sucesso.

Entender as novas formas de ativismo em rede - não apenas no âmbito da comunicação, mas também das políticas públicas - pode contribuir significativamente para a sociedade no sentido de proteger e consolidar os Direitos Humanos no mundo, uma vez que a melhoria qualitativa das políticas públicas está fortemente atrelada à promoção, proteção e garantia do direito à informação. Além disso, levando em consideração a relevância da temática, entende-se que, no âmbito da pesquisa social,

ela ainda é pouco explorada. A bibliografia ainda é reduzida e os estudos desenvolvidos nesse campo ainda são recentes. Portanto, é fundamental ampliar as fontes de pesquisa sobre o tema.

Futuras pesquisas na área podem aprofundar os aspectos aqui discutidos, além de entender melhor a formação dessas redes e seus reais impactos e influências tanto para os governos quanto para a sociedade civil organizada. Ou, ainda, pesquisar quais tipos de *posts* são capazes de gerar mais engajamentos na rua e na rede.

Bibliografia

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARLOW, John Perry. (1996) «A Declaration of the Independence of Cyberspace». <http://homes.eff.org/~barlow/Declaration-Final.html> 02/12/12.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1986.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. Rede de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

CHADWICK, A.; HOWARD, P. Routledge Handbook of Internet Politics. Taylor & Francis e-Library, 2009.

DI FELICE, M. Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

GIBSON, William. (1984) *Neuromancer*. London: HarperCollins, 1995.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

GIDDENS, Anthony. Para além da esquerda e da direita. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1991.

HARAWAY, Donna. "A cyborg manifesto: Science, technology, and socialist feminism in the late twentieth century", in: *Simians, cyborgs, and women: The reinvention of nature*, New York, Routledge, 1991.

HAYLES, Katherine N. "Virtual bodies and flickering signifiers", in: DRUCKREY, Timothy. *Electronic culture. Technology and visual representation*. New York, Aperture Foundation, 1996.

HAYLES, Katherine N. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. EUA: University of Chicago Press, 1999.

HARLOW, S. Social media and social movements: Facebook and an online Guatemalan justice movement that moved offline. In: *New Media & Society*, 1–19. 2011.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma cultura "Copyleft?". In: Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura, FACOM/UFBA, Salvador, vol 2, n. 2, p. 9-22, dez 2004c

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFESOLI, Michel. O tempo retorna. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2012.

MALINI, F; ANTOUN, H. @ Internet e # Rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. Artigo 1º Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Ciberidades, FACOM-UFBA. Salvador, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. Mapa do jogo: a diversidade cultura dos games. São Paulo: Cengage, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano – por quê, in REVISTA USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br> 10/01/2013

RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e cultura. A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Ed. Presença, 1994.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Estratégias de Comunicação. Lisboa: Ed. Presença, 1990.
OLIVEIRA, Luiz Ademir de. Apostila de Teorias da Comunicação. Belo Horizonte, 2001, mimeo.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

MAIA, R C. M. Sob a perspectiva da esfera civil: participação política e internet. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M.; MARQUES, F. P. J. A. Participação política e internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MCLUHAN, Marshall. The Gutenberg Galaxy. Toronto: University of Toronto, 1962.

MCLUHAN. Os meios de comunicação com extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1974.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.